



A ÚLTIMA IGREJA DO

---

# APOCALIPSE

A REPREENSÃO DE JESUS CRISTO  
À MORNIDÃO DE LAODICEIA

EZEQUIEL GOMES

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Gomes, Ezequiel

A última Igreja do Apocalipse [livro eletrônico]:a repreensão de Jesus Cristo à mornidão de Laodiceiaa  
Ezequiel Gomes. - 1. ed. - Jundiaí, SP : Ed. do Autor, 2021.

PDF

ISBN 978-65-00-16459-6

1. Apocalipse (Teologia) 2. Bíblia. N.T. Apocalipse - Crítica, interpretação, etc. I. Título.

21-55234

CDD-228.06

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Apocalipse : Profecias : Interpretação : Bíblia 228.06

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

---

**Capa:**  
Wtanabe Pereira dos Santos  
**Projeto gráfico e diagramação:**  
Ana Paula Pirani

A última igreja do Apocalipse:  
a repreensão de Jesus Cristo à mornidão de Laodiceia  
1ª edição – 2021

# SUMÁRIO

---

AGRADECIMENTOS .....	9
DEDICATÓRIA.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
I - UMA CARTA À ÚLTIMA IGREJA.....	21
QUEM SE DIRIGE PESSOALMENTE À IGREJA DE LAODICEIA? .....	22
O Amém.....	23
A testemunha fiel e verdadeira.....	25
O princípio da criação de Deus.....	26
A QUEM SE DESTINA A MENSAGEM PROFÉTICA DE APOCALIPSE 3:14-22? .....	28
OUTROS ASPECTOS HISTÓRICOS IMPORTANTES PARA COMPREENDER A PROFECIA.....	31
ALGUMAS PASSAGENS ESCRITURÍSTICAS QUE ILUMINAM O CONCEITO DE MORNIDÃO.....	32

II - CONCEITOS PARALELOS, COMPLEMENTARES E SINÔNIMOS DE MORNIDÃO .....	35
PECADOS ESTRUTURAIS .....	38
Cegueira espiritual .....	39
Egoísmo .....	40
Superficialidade.....	42
Hipocrisia .....	43
Sequidão espiritual.....	44
Coração dividido.....	45
Cristianismo casual.....	47
Legalismo.....	48
Dúvida.....	49
Irregeneração.....	51
PECADOS DE OMISSÃO.....	53
Indecisão.....	54
Apatia.....	56
Inércia na direção errada .....	57
Indiferença ao pecado .....	58
Frígida despreocupação .....	59
Complacência.....	60
Falta de entusiasmo.....	61

Hesitação .....	62
Negligência.....	62
Covardia .....	64
PECADOS DE REBELIÃO .....	65
Mundanismo .....	66
Carnalidade.....	68
Apostasia.....	68
MORNIDÃO COMO CONDIÇÃO PECAMINOSA E COMO INFIDELIDADE À LEI DE DEUS .....	70
Mornidão como condição pecaminosa .....	70
Mornidão como infidelidade.....	71
Mornidão como incoerência entre fé e obras .....	74
III- O QUE NÃO PARECE SER MORNIDÃO, MAS FREQUENTEMENTE É .....	77
ENTUSIASMO LITÚRGICO.....	80
ENVOLVIMENTO MISSIONÁRIO.....	82
ZELO DOUTRINÁRIO.....	86
PERFECCIONISMO RADICAL EM DIREÇÃO A UMA SUPOSTA SANTIFICAÇÃO .....	90

IV - O QUE PARECE SER MORNIDÃO, MAS FREQUENTEMENTE NÃO É .....	98
RACIONALIDADE CIENTÍFICA .....	99
ACADEMICISMO TEOLÓGICO .....	103
SENSIBILIDADE CULTURAL .....	107
ATIVISMO POLÍTICO E SOCIAL .....	110
EQUILÍBRIO.....	112
V - O REMÉDIO PARA LAODICEIA.....	115
OURO REFINADO PELO FOGO.....	118
VESTIDURAS BRANCAS.....	120
COLÍRIO PARA UNGIR OS OLHOS .....	121
REFERÊNCIAS .....	124
Introdução.....	124
1. Uma carta à última igreja.....	124
2. Conceitos paralelos, complementares e sinônimos de mornidão.....	129
APÊNDICE .....	134
TEXTOS BÍBLICOS CITADOS .....	134

As comunidades cristãs do livro de Apocalipse veem-se expostas a ameaças e perigos externos e internos. Do lado de fora, pesam os perigos da guerra e da inflação, as pressões da parte dos judeus, bem como a besta horripilante que demanda uma lealdade político-religiosa obrigatória a todos os cidadãos. Do lado de dentro, hereges ameaçam a identidade das comunidades. Também há referência à qualidade “morna” da fé, de forma que algumas igrejas já estão sem forças ou mortas. É preciso converter-se às primeiras obras: amor, fidelidade, justiça, paciência, serviço e perseverança. O profeta João é co-participante da tribulação e compartilha com os cristãos o destino de uma minoria estigmatizada, mas que vive na certeza da vitória já ocorrida e da futura participação no domínio celestial de Jesus Cristo.

*Udo Schnelle*



# AGRADECIMENTOS

---

Este livro foi escrito em um processo que durou cerca de oito anos para ser escrito e finalizado, passando por três etapas bastante diferentes da minha vida. Suas primeiras palavras foram escritas no segundo semestre de 2012, enquanto eu era ainda estudante de teologia no Unasp-EC.

Eu estava terminando o mestrado em teologia quando tive inicialmente a ideia de escrever um artigo sobre a mornidão de Laodiceia. Fiz uma extensa pesquisa a respeito do tema, porém não cheguei a terminar o artigo, que à época chegou a ter cerca de cinquenta páginas de conteúdo.

Porém, fui chamado ao ministério pastoral em 2013 e me dediquei ao cumprimento da missão da igreja com fidelidade nas funções que me foram atribuídas, sem retomar o projeto do artigo. Entretanto, preguei várias séries de sermões sobre o livro de Apocalipse em várias igrejas diferentes, e continuava meditando sobre a profecia que é a base do livro ao qual hoje o leitor tem acesso.

Durante meu ministério pastoral retomei o arquivo do artigo algumas vezes e fiz algumas melhorias nele, agora com vistas a transformá-lo num pequeno livro. Porém, não consegui finalizar a tarefa àquela época.

Em junho de 2016 eu viria a deixar de exercer o ministério pastoral num contexto controverso e particularmente complicado. E em função disso mudei de Estado, passei a exercer novas atividades profissionais,

troquei de computador e nesse ínterim acabei me esquecendo totalmente daquele projeto.

Publiquei três livros entre os anos de 2016 e 2017 pela Editora Reflexão, e por volta de julho de 2019, lembrei da existência da pesquisa que eu havia realizado sobre Apocalipse 3. Por isso, fiz uma busca em meus arquivos de computador e em meus e-mails em busca do texto. Em vão.

Não achei o manuscrito em lugar nenhum, mas a ideia de publicar algo sobre o tema da mornidão não me abandonava. Ao mesmo tempo eu não tinha a menor vontade de recomeçar a pesquisa do zero.

Então eu tive uma lembrança cujos desdobramentos viriam a possibilitar a publicação do presente material. Eu me lembrei que havia enviado uma versão quase final do texto já corrigido e melhorado a um amigo através de um aplicativo de mensagens. A ideia era que ele o revisasse com vistas à publicação.

Todavia, naqueles primeiros instantes eu me lembrei de que havia enviado o arquivo pra alguém, mas não conseguia lembrar o nome da pessoa. Depois de uns três minutos forçando minha memória, recordei com clareza: Reginaldo Castro. Um excelente revisor de textos e cristão comprometido. Fui ao histórico de mensagens e percebi que não havia me enganado. Lá estava o manuscrito com meu texto intacto!

Imediatamente após recuperar meu arquivo enviei a ele uma mensagem de agradecimento dizendo: Muito obrigado! Ele me respondeu, porém, dizendo que não estava entendendo o motivo da gratidão. Expliquei a situação e avisei que sem aquele arquivo meu projeto de escrever um livro sobre a mornidão de Laodiceia teria se perdido para todo o

sempre. Ele me respondeu dizendo que não teve mérito nenhum nesse fato, de forma que eu não precisava agradecê-lo por isso.

Seja como for, eu respondi que se ele não fosse um bom profissional e cristão eu não teria enviado o arquivo pra ele a fim de trabalharmos juntos em primeira instância. E se isso não tivesse ocorrido eu teria perdido meu material em definitivo.

Assim, recuperei o texto, pude concluí-lo e agora ele está pronto para ser publicado e espalhado aos quatro ventos. Naquela ocasião, me comprometi de que esse amigo iria receber uma menção especial de gratidão quando o livro fosse finalmente concluído e publicado. E aqui está minha promessa cumprida. Muito obrigado, Reginaldo. Que Deus te abençoe infinitamente em todos os seus caminhos!

Agradeço, porém, acima de tudo a Deus pela forma maravilhosa como tem guiado a minha vida e meu ministério. De forma que entrego ao Senhor o louvor por mais uma obra disponível ao público com vistas à edificação da igreja.

Aproveito a oportunidade e expresso meu agradecimento mais que especial à minha esposa, Carolina, e à minha mãe, Dinaura. O apoio e amor de vocês é absolutamente fundamental na minha vida.

Obrigado também a todos os familiares e amigos que me inspiram e me ajudam na caminhada cristã. Menção honrosa seja feita igualmente aos professores e mestres que me ajudaram a desenvolver o amor pela teologia bíblica de forma que o presente livro viesse a se tornar uma realidade.

A produção do livro se deu num contexto de financiamento colaborativo, onde irmãos doam valores para cobrir todos os custos envol-

vidos na produção do material e, assim, disponibilizam seu conteúdo gratuitamente na internet a quem quiser estudar. Se o leitor quiser fazer parte dessa rede de apoiadores para a produção de materiais futuros é só entrar em contato comigo através do endereço eletrônico: [ezeksalt@hotmail.com](mailto:ezeksalt@hotmail.com). Que Deus recompense a cada um na proporção de Sua glória e conforme a disposição alegre dos doadores em participar na pregação do evangelho.

Por fim, agradeço aos leitores que tomarão tempo para aprender mais de Deus através deste material. Que a graça de Cristo e a iluminação do Espírito Santo sejam com todos.

*Soli Deo gloria*  
*Ezequiel Gomes*  
*Jundiaí, SP*  
*Inverno de 2020*

# DEDICATÓRIA

---

Dedico a presente obra, em função de seu conteúdo, a todos os cristãos de língua portuguesa espalhados por toda a face da Terra, sem exceção, e sem quaisquer divisões e discriminações em termos de tradições e denominações religiosas.

Mas dado o contexto de produção e publicação deste livro, eu não poderia deixar de dedicá-lo de forma especial a todos os membros e líderes da minha amada igreja em particular, especialmente na Associação Central Sul-Riograndense, na União Sul Brasileira e na Divisão Sul Americana. Quem lê, entenda.

Graça e paz!



# INTRODUÇÃO

---

Este livro começou a ser escrito a partir de uma ampla reflexão e pesquisa que teve início enquanto eu cursava o mestrado em teologia bíblica, no ano de 2012, quando me tornei especialmente curioso em relação a uma palavra singular na Palavra de Deus: mornidão (Ap 3:16). O termo mornidão, no grego do Novo Testamento, é *kliarós*. Esse vocábulo é o que chamamos tecnicamente de um *hapax legomena*, ou seja, uma expressão que só ocorre uma vez em toda a extensão do registro sagrado.

Frequentemente, esse tipo de palavra oferece um desafio especial a tradutores e intérpretes, uma vez que não existem outras ocorrências da mesma palavra em contextos semelhantes ou diferentes dentro da própria Bíblia para ajudar a iluminar seu significado. Caso contrário, essas outras ocorrências poderiam testificar da potencial amplitude de significados que uma expressão possivelmente contém em diferentes contextos.

Para minha surpresa, o que descobri estudando a interpretação do texto apocalíptico e o uso do conceito de mornidão em livros e artigos cristãos na história da teologia, foi que o termo tem inúmeros equivalentes/paralelos muito próximos, sinônimos ou antônimos, tanto na Palavra de Deus quanto na literatura teológica. Esses conceitos me ajudaram a ampliar meu entendimento sobre os possíveis sentidos da imagem bíblica e a identificar a quais realidades em potencial ele se refere

de forma a justificar a fortíssima repreensão de Cristo contra uma igreja que Ele comprou com Seu próprio sangue.

A impactante mensagem para a igreja em Laodiceia, relatada em Apocalipse 3:14-22, é profunda e de amplas implicações, mas aparentemente não recebe a atenção merecida diante de sua importância para a comunidade cristã em geral. Em uma atmosfera de divisões e lutas internas no cristianismo, aparentemente é muito mais fácil e tentador para alguns lançar o estigma da mornidão apenas a uns poucos grupos cristãos ou poucos indivíduos em meio às igrejas. Tal atitude acabaria livrando, em certa medida, a grande maioria dos seguidores de Cristo da necessidade de refletir mais seriamente na severa repreensão de Jesus à última igreja do Apocalipse contextualizada na ideia da mornidão.

O resultado dessa desatenção ou indiferença é que o alerta do Senhor se torna esvaziado de relevância e aplicação prática e passa a ser encarado como se não fosse dirigido diretamente à maioria ou à totalidade dos cristãos, que, nessa hipótese, não mereceriam ser chamados de mornos. É como se a maioria dos cristãos pudessem agradecer a Deus por não serem mornos, como os demais homens (cf. Lc 18:11).

Seja como for, mesmo que tal denúncia tivesse sido direcionada a apenas algumas poucas igrejas ou a algumas poucas pessoas em meio à realidade mais ampla da comunidade cristã, o destino de qualquer grupo ou de quaisquer indivíduos que compõem a igreja pode estar sendo determinado pela atenção ou desatenção à mensagem de Cristo nessas palavras. A razão para tanto é que a mensagem é urgente a quem se destina, e não temos um padrão objetivo para estabelecer de antemão

a quem essa profecia se aplica e a quem supostamente não, se é que ela realmente não se aplica a todas as igrejas e a todos os seus indivíduos.

Sendo assim, esse texto precisa ser levado a sério e estudado por todo seguidor de Jesus, e deverá continuar sua obra de despertar consciências e operar profundo arrependimento na vida dos “laodiceanos” até cumprir plenamente o propósito designado por Deus para sua existência (cf. Is 55:11).

À luz dos desafios exegéticos e hermenêuticos implicados no estudo desse texto, devemos reconhecer que interpretar o livro de Apocalipse é algo reconhecidamente complexo, especialmente quando lidamos com seus símbolos viscerais e suas cenas, no mínimo, estranhas. Estabelecer o sentido pormenorizado de cada cena, visão, quadro, símbolo e ideia é tarefa gigantesca, e ainda que conseguíssemos chegar ao final dela no presente livro teríamos que lidar, ao final, com os demais estudiosos que empreenderam a mesma tarefa e chegaram a um entendimento um pouco (ou muito!) diferente do nosso sobre esse que é o último livro do cânon bíblico e um dos mais enigmáticos.

O desafio interpretativo, todavia, não é evocado aqui para desanimar intérpretes e leitores, nem para pregar o agnosticismo ou relativismo sobre o sentido da revelação, de maneira nenhuma, mas a dificuldade é reconhecida simplesmente para dar o tom da humildade imprescindível à busca que estamos iniciando nesse material.

As cartas às sete igrejas do Apocalipse não representam os maiores desafios aos estudiosos do último livro da Bíblia, tais como a interpretação dos sete selos (Ap 6:1-17; 8:1-6), das sete trombetas (8:7-9:21;

11:15-19) e das bestas (13:1-18; 17:1-18), mas se enganaria gravemente quem concluísse a partir disso que estamos diante de textos simplórios ou desinteressantes.

As localidades geográficas, os elogios e repreensões, os personagens, as promessas, as histórias e as perspectivas contidas em Apocalipse 2-3 dão margem a reflexões espirituais que alinham a experiência da igreja com aquilo que o Senhor recomenda e alertam o povo de Deus quanto àquilo que o Criador desaprova.

A multiplicidade de “igrejas” nesse trecho do livro de Apocalipse não depõe contra a unidade da igreja cristã, mas explora realidades locais nas igrejas da Ásia Menor do primeiro século a fim de retirar delas lições espirituais que, no final das contas, terminam sendo, pelo menos em certo sentido, relevantes para todos os cristãos de todas as eras. Ainda assim, reconhecemos que quando estamos em busca de uma interpretação e aplicação correta do texto, as questões particulares mais diretamente relacionadas à audiência original devem ter a merecida proeminência.

Dos variados e importantes elementos contidos na profecia destinada à igreja de Laodiceia, a mornidão é uma das características que mais se destaca, e “sua interpretação tem sido objeto de especulação por séculos”.<sup>1</sup> É digno de nota que todas as considerações que se seguem, como já mencionado, nasceram do meu interesse inicial por uma única palavra da Escritura. Isso demonstra de antemão que devemos estar alerta para que um conceito extremamente rico possa ser encontrado por detrás de uma simples palavra e que, para encontrá-lo, é necessário empenho e dedicação no estudo do texto bíblico. Nessa caminhada,

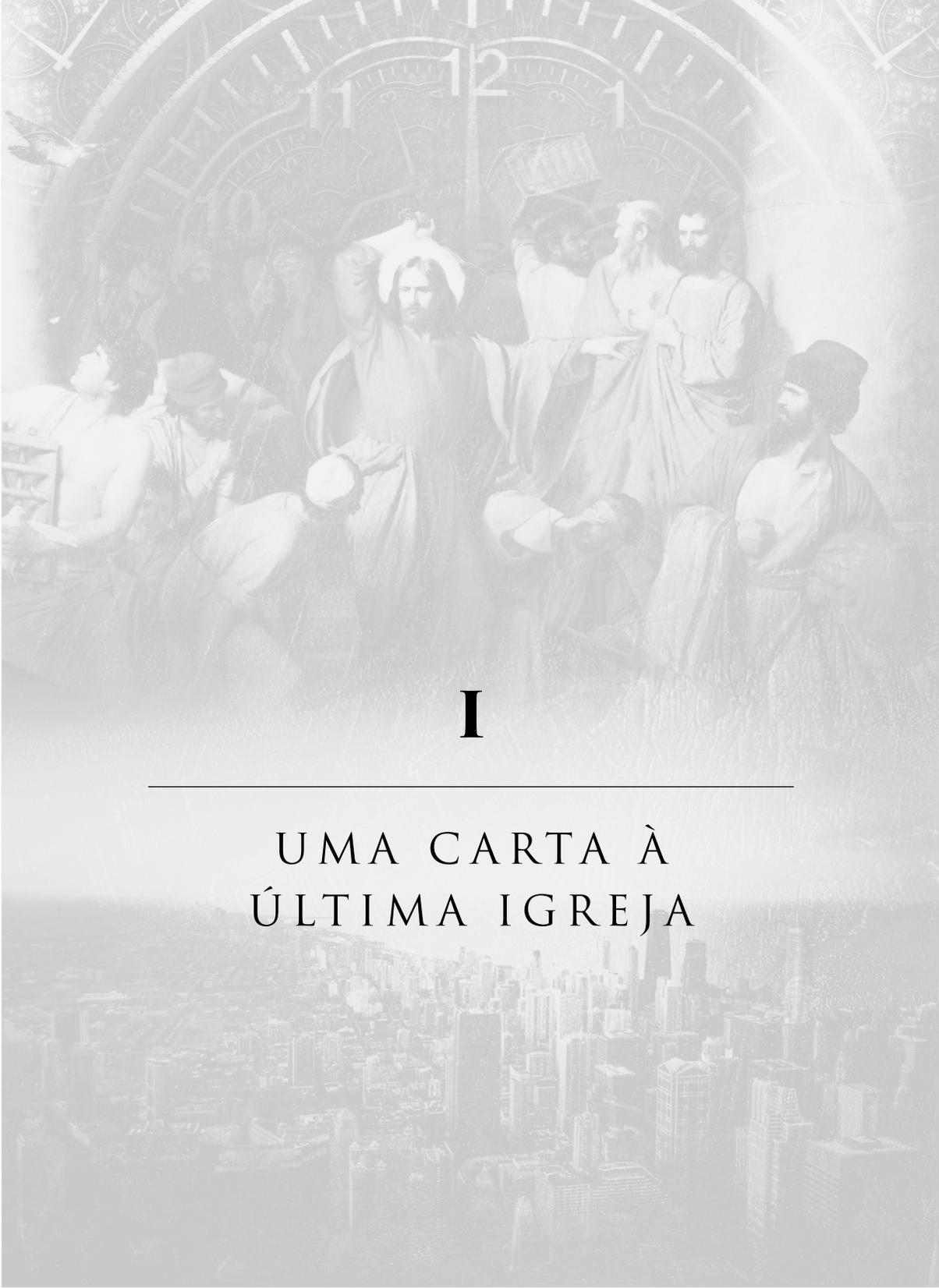
também pode ser interessante avaliar o que outros cristãos já escreveram antes de nós a respeito do tema em questão, sendo que esse processo pode conduzir os estudiosos a descobertas fascinantes.

Este livro, é bom que se diga, não é exatamente uma pura exegese de Apocalipse 3:15-16, apesar de incluir uma exegese da passagem em certo sentido. O mais correto seria dizer que esse material consiste numa avaliação bíblica mais ampla a respeito da imagem da mornidão a partir do texto, do contexto e de outras passagens bíblicas identificadas por estudiosos cristãos como análogas, paralelas ou mesmo sinônimas do conceito central em nosso presente esforço teológico.

Nesse ponto, o leitor deve estar preparado para entrar em contato com dezenas ou centenas de passagens bíblicas que, em meu entender, servem para iluminar e esclarecer o conceito de mornidão, ainda que a palavra em si não ocorra nesses outros textos.

Frise-se, portanto, que o leitor que se debruçar sobre as passagens escriturísticas citadas ao longo desse livro será muito mais beneficiado do que aquele que passar pela pesquisa bíblica referida nas páginas que se seguem sem conferir texto por texto. A leitura de cada referência pode parecer um pouco cansativa num primeiro momento, mas esconde em si uma bênção ao leitor atento e bereano (cf. At 17:11). No decurso do estudo, apesar de trabalhado num paradigma de que a Escritura está acima de qualquer convicção pessoal de teólogos individuais e magistérios, também atentaremos para o uso que estudiosos cristãos fizeram do termo mornidão a fim de iluminarmos nosso entendimento da discussão a partir também das intelecções deles em suas análises textuais e teológicas envolvendo o tema.

Antes, porém, de nos dedicar ao conceito bíblico de mornidão e de sua interpretação e implicações, será interessante identificar e responder algumas questões preliminares sobre essa profecia como um todo a fim de contextualizar nossas considerações.



# I

---

## UMA CARTA À ÚLTIMA IGREJA

## QUEM SE DIRIGE PESSOALMENTE À IGREJA DE LAODICEIA?

O livro de Apocalipse nos é apresentado como uma “revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu” (Ap 1:1), e que foi transmitida a João através de um mensageiro celestial. O livro é profundamente interessante e importante para todos os cristãos. O personagem que origina e carrega a mensagem ao anjo da igreja de Laodiceia (3:14-22) é o mesmo personagem que se direciona a todas as igrejas anteriores (cf. 1:12-18). Esse personagem se autodescreve usando imagens retiradas da visão de Apocalipse 1:4, 5, 12-20 como: “Aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos candeeiros de ouro” (2:1; cf. 1:13, 16); “o primeiro e o último, que esteve morto e voltou a viver” (2:8; cf. 1:18); “Aquele que tem a espada afiada de dois gumes” (2: 12; cf. 1:16); “o Filho de Deus, que tem os olhos como chamas de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido” (2:18; cf. 1:14, 15); “Aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas” (3:1; cf. 1:4, 16); “o santo, o verdadeiro, Aquele que tem a chave de Davi” (3:7; cf. 1:5; 3:14); e “o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus” (3:14; cf. 1:5). Portanto, inequivocamente quem se dirige às igrejas é o Cristo ressurreto e glorificado. Vamos agora analisar mais detidamente os três títulos cristológicos presentes em Apocalipse 3:14.

## O AMÉM

A palavra “amém” carrega a ideia daquilo que é verdadeiro, firmemente estabelecido e digno de confiança. Essa era uma palavra comum aos adoradores do Antigo Testamento que participavam de uma doxologia,<sup>1</sup> fazendo sua própria confirmação em relação àquilo que ouviram em uma reunião com propósitos espirituais (1Cr 16:36; Sl 106:48). O amém é um enfático “sim” como resposta afirmativa a uma ideia, oração ou doxologia (Rm 1:25; 9:5; 16:27; Gl 6:18; Ap 1:7; 5:14; 7:12; 19:4).

Precedido pelo artigo definido, o amém se tornou a personificação do Deus da verdade (Is 65:16; cf. 2Co 1:20).<sup>2</sup> Jesus toma esse título para Si mesmo, e esse é o único lugar em todo o texto bíblico onde a palavra “amém” isoladamente é um nome próprio, e nessa única ocasião “ela se refere ao nome de Cristo”.<sup>3</sup>

Cristo é a “última palavra de Deus” (cf. Hb 1:1-2), a palavra final, escatológica, a plena revelação (Jo 1:18). Amém é uma palavra comumente carrega conotação “de conclusão ou cumprimento (2Co 1:20)”<sup>4</sup>. Em Cristo todas as promessas de Deus são cumpridas. A descrição de Cristo como o *amém* é “uma descrição única”<sup>5</sup> e bastante apropriada para designar Aquele que é a verdade em sentido absoluto (Jo 14:6).

Estudiosos do texto bíblico concluem que “Cristo é o amém no sentido de que Ele é o Deus da verdade encarnado”,<sup>6</sup> e que, assim sendo, “Cristo é a encarnação da fidelidade e da verdade de Deus”.<sup>7</sup> Isso nos conduz a pensamentos profundos e sublimes sobre a identidade dAquele que se dirige

às suas igrejas como alguém que as “conhece” (Ap 2:2, 9, 13, 19; 3:1, 8, 15). Ele é alguém que conhece todas as coisas (1Jo 3:20; cf. Jo 2:25).

Cristo é a verdade, o amém, e, “como tal, Sua mensagem aos laodiceenses deve ser aceita sem ser colocada em dúvida”.<sup>8</sup> Isso é extremamente importante no caso da igreja de Laodiceia, que certamente será tentada a duvidar do diagnóstico espiritual que o Senhor tem a lhe oferecer: “Pois dizes: estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e *nem sabes* que és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3:17, grifo nosso).

Tal realidade dificilmente seria encarada com aceitação tranquila e imediata por parte de uma igreja descrita como estando tão profundamente envolvida em sua própria ilusão. Essa pode ser a razão pela qual Cristo, para desmascarar definitivamente todas as pretensões do engano de Laodiceia, Se apresenta sob o título de “o amém”,<sup>9</sup> como forma de evocar a mais alta autoridade do universo (Mt 28:18) e demandar uma extrema seriedade na consideração de Seu juízo sobre a condição de tal igreja (Ap 3:15-17), e sobre como essa condição poderia ser vencida (3:18-20), bem como sobre quais seriam os destinos de perdedores (3:16) e vencedores (3:21) no conflito contra a mornidão.

A mornidão é a característica negativa mais específica, singular e enfatizada na mensagem à Laodiceia e resume todas as facetas de seu autoengano, mas Cristo é fiel (1Ts 5:24) e “sua imutável fidelidade como ‘o amém’ contrasta com os propósitos vacilantes ‘nem frios nem quentes’ da última igreja do Apocalipse”.<sup>10</sup> O *amém* é também um título de Cristo conectado intimamente com título seguinte que vamos analisar a seguir.

## A TESTEMUNHA FIEL E VERDADEIRA

A descrição de Jesus Cristo como a “testemunha fiel e verdadeira” indica que Cristo conhece todas as realidades referentes à Sua igreja em cada pormenor particular, e significa também que todos os Seus testemunhos, juízos e promessas são verdadeiros em sentido absoluto. Cristo é o Verbo (Jo 1:1; cf. Ap 19:13), o pensamento de Deus tornado audível e visível (cf. Hb 1:3), e isso é a verdade (Jo 17:17; cf. 14:6).

Cristo não é somente a testemunha fiel e verdadeira da Palavra de Deus, mas também o esquadrinhador dos “pensamentos e desígnios do coração”. E o evangelho afirma que Cristo, mesmo antes de ser glorificado, “não precisava que alguém Lhe desse testemunho a respeito do homem, porque *Ele mesmo sabia o que era a natureza humana*” (Jo 2:25, grifo nosso). E agora adicione a isso Sua glorificação (Jo 17:15; cf. 7:39) e você será capaz de vislumbrar a seriedade que as afirmações de Cristo evocam em um mundo tão rebelde contra Deus até o ponto de praticamente não haver nele “verdade” (Os 4:1).

Tudo aquilo que Jesus Cristo fala, entretanto, é indubitavelmente verdade, e no fim do Apocalipse nós lemos a afirmação: “Essas palavras são fiéis e verdadeiras” (Ap 21:5; 22:6),<sup>11</sup> e isso obviamente inclui tudo o que ele afirma sobre Laodiceia. Essa fidelidade e veracidade de Cristo como testemunha são “particularmente relevantes em uma carta para os infiéis laodicenses”<sup>12</sup> e são invocadas de antemão para envergonhar qualquer tentativa de se negar o que será dito muito em breve.

Antes de prosseguir, porém, Cristo deseja estabelecer Sua identidade e autoridade de forma ainda mais ampla, e o faz através do terceiro e último título com o qual Ele Se apresenta à última igreja do Apocalipse.

## O PRINCÍPIO DA CRIAÇÃO DE DEUS

Esse é o título mais polêmico atribuído a Cristo nessa passagem, e muito se pode dizer a respeito dele de forma que seu sentido fique claro para nós. Por exemplo, Paulo exortou que a carta que ele escrevera aos colossenses fosse lida em Laodiceia (Cl 4:16). Nela, Paulo desenvolve uma cristologia madura e distingue a Cristo como “a imagem de Deus, o primogênito de toda a criação”. Ensina que tudo foi criado “por meio dele e para Ele”, sendo Ele antes de todas as coisas e tudo nEle subsistindo. Também se afirma que “aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude” (Cl 1:15-19), e que em Cristo “habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9). Todas essas verdades estão contidas de forma resumida no título “o princípio da criação” em Apocalipse 3:13.

O título *primogênito de toda a criação* em Colossenses 1:15 “aponta para a exaltada posição de Cristo como o Rei supremo do universo” e não é uma expressão que sugira por si mesma, ou de forma irrefutável, “que Ele tenha emanado do Pai ou tenha sido criado por Deus em algum ponto da eternidade passada”.<sup>13</sup> Além do mais, o termo “princípio” não precisa necessariamente ser tra-

duzido no sentido passivo, o que implicaria em que Cristo foi criado por Deus, mas pode perfeita e legitimamente ser traduzido no sentido ativo, significando que Cristo é o principal agente ativo da criação de Deus, ou seja, o próprio agente Criador (cf. Jo 1:3; At 3:15). Portanto, o título “o princípio da criação” apenas enfatiza “a proeminência de Cristo sobre todas as criaturas de Deus”<sup>14</sup> como fonte de sua existência.

Jesus, portanto, é Aquele através de quem e para quem todas as coisas existem, e aqui está o fundamento mais básico para explicar de onde vem Sua autoridade para repreender e disciplinar aqueles que estão em qualquer erro (Ap 3:19). Além disso, Ele o faz porque ama Sua criaturas iludidas e falhas e não permite que elas tomem caminhos de morte pensando ser caminhos direitos (Pv 14:12; 16:25), sem avisá-las do terrível perigo em que elas estão. Antes, Ele as repreende com amor e seriedade para que “se convertam e vivam” (cf. Ez 18:31-32).

Cristo é o legítimo autor e possuidor de todas as coisas, e Laodiceia despreza essa realidade ao se imaginar “rica e abastada, e sem nada precisar” (Ap 3:15) em nome de sua própria prosperidade. Entretanto, esse desprezo, além de ilusório e pecaminoso, é justamente um dos principais fatores que lhe impedem de conhecer sua real condição miserável e deplorável. No entanto, à igreja enganada é dada a oportunidade inigualável de conhecer ao Senhor que unicamente a pode livrar da condenação de sua ilusão de autossuficiência (3:18, 21). Mas quem são os laodicensês descritos em termos tão negativos?

## A QUEM SE DESTINA A MENSAGEM PROFÉTICA DE APOCALIPSE 3:14-22?

Os laodiceenses originais eram os primeiros cristãos da cidade de Laodiceia, na Ásia Menor, ainda que a mensagem profético-apocalíptica possa ter em mente um público-alvo mais amplo além daquelas pessoas.

Ranko Stefanovic nos diz que “o livro de Apocalipse afirma ser uma profecia (1:3; 22:7, 10, 18-19) e como tal deve ser abordado”.<sup>15</sup> E conclui que “a mensagem de um profeta ao povo de seu tempo também se estende para além do seu próprio tempo”.<sup>16</sup>

A região da Ásia Menor, onde estavam situadas as sete igrejas incluídas na profecia do Apocalipse (Ap 1:11), abrigava outras importantes igrejas cristãs. As igrejas de Colossos<sup>17</sup> e de Hierápolis, por exemplo, são mencionadas no Novo Testamento (Cl 1:2; 4:13), e o fato de não figurarem na profecia das sete igrejas do apocalipse pode implicar que Cristo usou um critério de seleção<sup>18</sup> para a inclusão das igrejas que haveriam de receber essa mensagem profética/apocalíptica de Sua parte como Senhor glorificado.

Segundo alguns estudiosos, a existência de um critério de seleção pode implicar na escolha de igrejas que estariam aptas para ilustrar e/ou tipificar “a condição da igreja como um todo, na era apostólica, e (posteriormente) por toda a história cristã”.<sup>19</sup>

Paulien observou paralelos entre a linguagem da mensagem direcionada à igreja de Laodiceia (Ap 3:17-18) e a última advertência dirigida ao povo de Deus em conexão com a batalha do Armagedom (Ap 16:15). Os conceitos-chave em paralelo, presentes em ambas as profecias, são: vestiduras, nudez e vergonha.<sup>20</sup> Isso pode indicar que talvez João tenha usado a mesma linguagem da profecia feita a Laodiceia para descrever a mensagem final ao povo de Deus no fim do tempo, na última batalha. Assim é que alguns acreditam que a igreja de Laodiceia, a última na ordem da profecia das sete igrejas, está relacionada com o último período da história do mundo.<sup>21</sup>

Por outro lado, pode-se perceber que as visões do Apocalipse, dentre elas as mensagens proféticas dirigidas às sete igrejas nos capítulos 2 e 3, “oferecem esboços históricos de amplitude universal”. E é “por isso que a interpretação dessas visões apocalípticas deve respeitar a extensão cósmica iniciada na própria época dos escritores, mas que conduz o leitor até o fim”.<sup>22</sup> Ou seja, não necessariamente estamos tratando com um cronograma profético da história ilustrado na seleção e sequência entre as sete igrejas, mas todas as mensagens são relevantes em todo o tempo para todas as igrejas.

Baseados nesses princípios podemos concluir, junto com Stefanovic, que

as mensagens às sete igrejas têm significação tanto para as igrejas locais às quais a profecia foi dirigida primariamente, como para a igreja universal, e também para cristãos indi-

viduais, em qualquer lugar como em qualquer momento da história da igreja. Elas são dirigidas a todos que têm ouvidos e estão dispostos a ouvir o que o Espírito diz às igrejas (Ap 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22).<sup>23</sup>

A mensagem à igreja de Laodiceia é uma denúncia pesada e certamente permanece aplicável ao povo de Deus no tempo presente, ou, no mínimo, a uma parte desse povo até os dias de hoje. Dessa forma, na ausência de um critério prévio para definir destinatários diretos da repreensão, todos os que afirmam ser cristãos deveriam se interessar por ela e escrutinar seu próprio coração na presença do Senhor em razão de sua força incisiva. A mensagem para Laodiceia deve ir a todas as igrejas, especialmente àquelas que têm tido grande luz espiritual e teológica, mas não têm andado nela na prática da fé que atua pelo amor.

De acordo com as considerações acima, a mornidão característica de Laodiceia não deve ser interpretada simplesmente como sendo um aspecto peculiar ou específico de uma igreja no primeiro século de forma isolada, como se não tivesse relevância à igreja que vive ou viverá no último período da história, antes da volta de Jesus. A profecia também não aponta de forma objetiva a uns poucos cristãos individuais vivendo em meio à comunidade cristã de forma geral, mas deve abarcar, pelo menos potencialmente, todos que afirmam ser cristãos, em todas as eras da igreja, até o tempo em que o Senhor retorne nas nuvens do céu.

## OUTROS ASPECTOS HISTÓRICOS IMPORTANTES PARA COMPREENDER A PROFECIA

Muitos livros e artigos excelentes discutem a mensagem à igreja de Laodiceia em conexão com as características históricas e geográficas da cidade, e o fazem com muitos detalhes.<sup>24</sup> Provavelmente, a Laodiceia mencionada no Apocalipse “foi construída entre 261-246 a.C. por Antíoco II e recebeu esse nome em homenagem à sua esposa, Laodice”.<sup>25</sup> A cidade era distinguida por três características especiais:<sup>26</sup> (1) era riquíssima, a ponto de ser um centro bancário/financeiro;<sup>27</sup> (2) era um centro de produção têxtil;<sup>28</sup> e (3) possuía uma escola de medicina,<sup>29</sup> particularmente famosa por produzir uma espécie de colírio, muito famoso no mundo antigo, chamado “tetra frígia”.<sup>30</sup> Todas essas características da região são evocadas pelo Senhor, bem como interpretadas alegoricamente como refletindo a condição espiritual dos laodicenses (3:17-18), com o objetivo de fazer a igreja despertar de sua real e perigosíssima condição de mornidão e autoengano, a fim de que os cristãos mornos se movessem em direção ao arrependimento (3:19; cf. Rm 2:4).

Entretanto, para nosso estudo específico, o aspecto histórico mais relevante é o fato de que Laodiceia não tinha suprimento independente de água,<sup>31</sup> sendo privilegiada somente como rota comercial e militar. Por outro lado, Hierápolis, situada a nove quilômetros ao norte de Laodiceia, tinha grande abundância de águas quentes e medicinais, enquanto Colossos, situada a dezesseis quilômetros em direção ao leste, possuía

fontes de água fresca e potável. Quando a água foi canalizada em direção a Laodiceia,<sup>32</sup> partindo da região das águas quentes de Denizli (região de Hierápolis), a água não tinha tempo suficiente para esfriar nos aquedutos e chegava à cidade “morna”.<sup>33</sup> É a partir dessa realidade histórica que a testemunha fiel e verdadeira retira a marcante imagem de identificação que caracteriza a igreja de Laodiceia como morna.

## ALGUMAS PASSAGENS ESCRITURÍSTICAS QUE ILUMINAM O CONCEITO DE MORNIDÃO

Conforme já afirmamos na introdução do livro, o adjetivo grego que é traduzido como morno consiste em um *hapax legomena* neotestamentário. Ainda assim, existem várias passagens das Escrituras que podem nos auxiliar a entender os possíveis significados espirituais por detrás do conceito de mornidão.

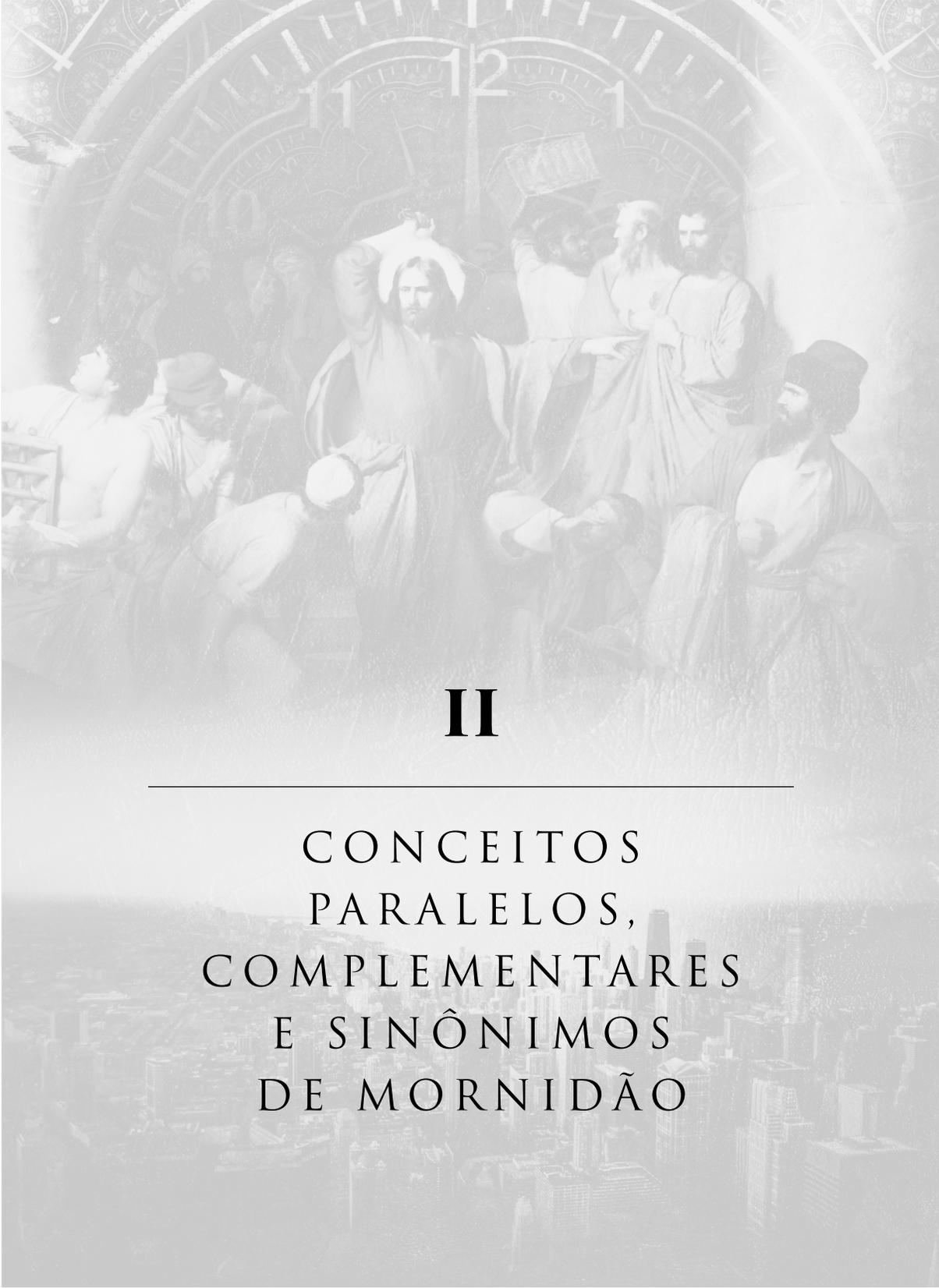
Em um trabalho sobre referências cruzadas entre os textos bíblicos, Smith<sup>34</sup> se refere a várias passagens que podem iluminar o conceito de mornidão. As mais significativas são: a disposição remissa em passar e possuir a terra que Deus já havia dado em herança através de aliança (Js 18:3); a falta de pressa dos levitas em reparar a casa de Deus na reforma promovida pelo rei Joás (2Cr 24:5); a atitude do povo em desamparar a casa de Deus e seus serviços (Ne 13:11); a postura dos que estão à vontade em momentos de dificuldades espirituais do povo de Deus (Sl

123:4); viver de forma despreocupada ao mesmo tempo que não se dá ouvidos à Palavra de Deus (Is 32:7); manifestar uma atitude de soberba e presunção espiritual aliada à infidelidade (Is 47:8); uma rotina de desprezo pelo relacionamento com Deus (Is 64:7); escolher aquilo que desagrada a Deus (Is 66:4); pretender ser o povo de Deus enquanto faz o mal e não conhece verdadeiramente ao Senhor (Jr 9:3); fazer a obra do Senhor relaxadamente (Jr 44:10); desamparar aos necessitados quando vivendo em um contexto de prosperidade pessoal (Ez 16:49); a disposição de se reunir para ouvir a Palavra de Deus e professar muito amor com a boca, mas não colocar a verdade por obras (Ez 33:31-32); ter um coração falso (Os 10:2); relativizar o bem e o mal (Sf 1:12; cf. Is 5:20); não se importar com o convite do evangelho (Mt 22:5); esfriar no amor para com Deus e/ou para com as pessoas (Mt 24:12); ter forma de piedade mas negar o seu poder e manifestação legítimos (2Tm 3:5); pretender ter fé ao mesmo tempo que não manifestar essa fé em obras (Tg 2:14-26; cf. Gl 5:6); dentre outras passagens.

Todos esses conceitos trazidos por Smith têm em comum uma perceptível e flagrante disparidade entre a teoria de se pertencer a uma comunidade de fé religiosa aparentemente correta e ortodoxa, e a realidade prática de se manter um relacionamento indiferente e/ou infiel para com a verdade de Deus e para com o Deus da verdade, isso em várias dimensões e circunstâncias diversas. É algo dessa realidade que pode ser percebido como característica distinta e marcante da igreja de Laodiceia, e pela qual ela é fortemente reprovada. Entretanto, o desafio de compreender de forma mais exata em que consiste a mor-

nidão permanece como um desafio aos intérpretes dada sua singularidade no texto bíblico.

A mornidão, na história da teologia, acabou se tornando um conceito utilizado para reprová-las inúmeras características de diferentes igrejas e cristãos em particular, e muitos pregadores e comentaristas do texto bíblico aplicaram a imagem da mornidão de formas bastante diversificadas e diferentes entre si. Passaremos agora a analisar algumas possibilidades de compreensão em torno do tema da mornidão a partir de conceitos possivelmente análogos a ele.



## II

---

# CONCEITOS PARALELOS, COMPLEMENTARES E SINÔNIMOS DE MORNIDÃO

O conceito de mornidão está frequentemente acompanhado, nos escritos de cristãos em diferentes momentos da história da igreja, a termos e frases que ajudam a iluminar e/ou esclarecer a que tipo de característica se faz referência quando se evoca essa imagem.<sup>1</sup>

Às vezes, esses termos e/ou frases são aparentemente sinônimos perfeitos do conceito de mornidão em si, outras vezes são aparentemente complementares apenas, quando não o exato oposto. E é muito interessante analisá-los para melhor compreender qual é a atmosfera espiritual evocada através da palavra “mornidão” na mentalidade cristã em geral.

Minha abordagem se utiliza da ideia do “paralelismo sinônimo” na poesia hebraica, quando, por exemplo, uma segunda ideia é usada para esclarecer ou enfatizar uma primeira ideia.

Exemplos de paralelismos sinônimos:

*“Os justos herdarão a terra e nela habitarão para sempre” (Sl 37:29).*

*“Desvia de ti a falsidade da boca e afasta de ti a perversidade dos lábios” (Pv 4:24).*

Nesses dois casos simples, dentre inúmeros que poderiam ser citados, fica claro que herdar a terra e habitar na terra para sempre são paralelos sinônimos e que a falsidade da boca equivale à perversidade dos lábios.

Imagine que fôssemos escrever um livro sobre “falsidade”, mas essa palavra só ocorresse uma vez em todo o registro bíblico. Ainda assim, nesse caso, o conceito de “perversidade dos lábios” poderia, ou melhor,

deveria ser usado para ajudar a esclarecer a que o conceito de falsidade é sinônimo de perversidade.

Também fundamento as conclusões a seguir na ideia do “paralelismo antitético”, que é a definição de um termo pelo seu exato oposto ou contraste. O Salmo 37 também tem um exemplo desse tipo de paralelismo: “Porque os malfeitores serão desarraigados; mas aqueles que esperam no SENHOR herdarão a terra” (Sl 37:9). Portanto, na hora de definir quem são os “malfeitores” no texto, é útil contrastá-los com “os que esperam no SENHOR” para descobrir, por oposição suas características. Quem não espera no Senhor, nesse caso, é um malfeitor.

É a partir de constatações dessa espécie que identificamos na Palavra de Deus, e em trabalhos teológicos de cristãos em geral, conceitos análogos ao conceito de mornidão, seja por conceitos sinônimos ou antitéticos, ainda que a palavra tema do nosso livro só ocorra uma vez no registro sagrado. A identificação de vários desses paralelos sinônimos é que será explorada para nos oferecer vislumbres mais profundos sobre como entender a natureza da mornidão.

Todos os conceitos que se seguem neste capítulo, portanto, foram reconhecidos e retratados por diversos autores como estando de alguma forma intimamente relacionados ao conceito de mornidão na mentalidade de cristãos comprometidos com as verdades bíblicas e com a missão da igreja, ainda que cada qual sob o prisma de sua tradição em particular.

Agora estamos preparados para explorar essa riqueza teológica a fim de expandir nossa compreensão sobre o sentido por detrás do pecado da mornidão, tão fortemente repreendido por Cristo. Os termos

a seguir foram divididos didaticamente entre pecados estruturais, de omissão e de rebelião.

## PECADOS ESTRUTURAIS

A expressão “pecados estruturais” aqui denota problemas espirituais que não representam meramente ações ruins ou omissões em relação ao que é correto, mas a dificuldades mais fundamentais e que fazem parte do amplo espectro de pecados condenados na imagem da mornidão.

Cada problema descrito no que se segue representa uma condição pecaminosa que se manifesta na base da experiência religiosa e, por isso mesmo, é difícil de ser reconhecida para poder ser tratada. Conquanto praticamente todos os cristãos reconheçam que ainda cometem erros, pouquíssimos religiosos parecem estar abertos a considerar que podem estar realmente errados em sua religião, especialmente em pontos fundamentais.

Mas é exatamente para essa possibilidade que a profecia e repreensão de Cristo à igreja de Laodiceia aponta. Desconsiderar a possibilidade de que assim seja é desconsiderar que a imagem da mornidão pode ser aplicada a si, o que pode meramente agravar o quadro do autoengano condenado por Cristo. Dessa forma, é importante pensarmos com seriedade em pecados estruturais e paralelos ao conceito de mornidão para ver se tais questões não têm se manifestado na realidade de nossa experiência religiosa.

## CEGUEIRA ESPIRITUAL

A cegueira espiritual é evocada explicitamente no contexto imediato da reprovação à mornidão em Apocalipse 3:17-18. A condição da cegueira indica a incapacidade de ver, o que, em tese, não se trata de uma condição repreensível por ser uma condição defeituosa pela qual, em geral, seu portador não tem culpa (cf. Jo 9:1-3). Entretanto, uma vez que a condição da cegueira natural e sua cura, em determinado contexto, é usada por Cristo para ilustrar a cegueira espiritual, a situação pode mudar de figura na análise quanto à culpa da situação.

Diante do milagre realizado por Cristo na cura de um cego de nascença, os fariseus se demonstraram incapazes de ver naquilo um sinal do Reino de Deus e da dignidade do portador desse milagre. Por essa razão, tentavam investigar e interpretar a situação de forma a tentar tirar daquele episódio motivo para acusar e condenar Jesus e quem nEle cresse, movidos por sua falta de entendimento e por seus preconceitos religiosos (Jo 9:13-34).

Nesse contexto polêmico, a pretensão farisaica de “ver” revela sua cegueira espiritual, uma cegueira pela qual eles eram culpados, uma vez que, nesse caso, a cegueira era voluntária. Os fariseus cegaram a si mesmos para as evidências da natureza divina do ministério de Cristo, e isso fez com que ficassem em sua zona de conforto e sentissem que não precisavam rever suas convicções religiosas diante das implicações absolutamente radicais por detrás da vida e obra de Jesus Cristo.

Laodiceia, assim como os fariseus, é miserável, mas não vê isso, sendo, portanto, cega a respeito de si mesma, e isso voluntariamente,

e não por uma condição de cegueira involuntária. O indício mais claro disso é a pesada repreensão de Cristo em torno dessa condição. Ela revela a condição culposa, de pecado, na qual Laodiceia reflete mais do farisaísmo (cf. Jo 9:41) do que do próprio Cristo.

Fazer os cristãos enxergarem seus erros mais profundos pode ser tarefa muito difícil, tanto que Cristo teve dificuldade de fazer os fariseus de Seu tempo enxergarem sua real condição diante de Deus. Mesmo diante de milagres claros ou de verdades espirituais irrefutáveis e incisivas, os fariseus do passado e os cristãos do presente parecem ter a tendência de interpretar tudo que lhes condena de forma peculiar, sempre esvaziando a repreensão de conteúdo e a condenação de relevância e seriedade. A cegueira espiritual voluntária permanece como uma das condições mais lastimáveis entre os professores seguidores de Cristo.

## EGOÍSMO

A Palavra de Deus recomenda uma postura de vida segunda a qual ninguém deve “buscar o seu próprio interesse”, mas deve buscar o bem dos outros (1Co 10:24). Esse princípio se desdobra nas características do amor verdadeiro (1Co 13), na consideração dos demais como superiores a si mesmo e na atitude de não se ter em vista somente o que seja propriamente seu (Fp 2:3-4) – em resumo, no amor ao próximo (Mt 22:39).

O egoísmo, porém, é uma das consequências primordiais do pecado original de Gênesis 3. Após a queda, Adão e Eva são descritos envolvidos em preocupações e justificativas próprias essencialmente egoístas (Gn

3:7-13), natureza essa que agora foi transmitida aos filhos de Adão, bem como à humanidade de forma geral e irrestrita (Gn 5:3; cf. Rm 5:12-14).

Cristãos essencialmente egoístas são um paradoxo, uma vez que Jesus Cristo, seu Salvador, Senhor e Exemplo, é o modelo máximo de vitória sobre o egoísmo naquilo em que Ele atrai as afrontas sobre Si na condenação à morte na cruz (Hb 13:12-13; cf. Sl 69:7). A vitória sobre um espírito egoísta também está refletida em certa medida na igreja primitiva (At 5:41). Dessa forma, cristãos realmente egoístas são uma contradição de termos em relação ao Senhor e à verdadeira natureza e comunhão da igreja.

Entretanto, é necessário enfatizar que o egoísmo pode se manifestar tanto como condição natural e inescapável quanto em ações dolosas de pecado. No primeiro caso, o egoísmo é sinônimo do mínimo instinto de autopreservação e/ou mesmo de amor próprio, não sendo necessariamente condenável. Mas quando o egoísmo amadurece entre professos cristãos na direção da expressão de qualquer tipo de orgulho, prepotência, inveja, malícia, vaidade, violência, desamor e demais pecados contextualizados no pecado do egoísmo, então estamos diante de um quadro tenebroso de mornidão.

Fazer os cristãos egoístas enxergarem a correta dinâmica entre tais princípios não deveria ser difícil, em teoria, mas na prática acaba sendo. Relativizações e justificativas parecem estar prontas para que o pecado do egoísmo seja acariciado e resguardado em nome dos sentimentos e posturas normais de autopreservação e amor próprio. O que jamais deveria ser confundido, o é, e isso para a vergonha dos chamados cristãos, como

no caso das repreensões de Paulo aos mornos e egoístas coríntios no contexto dos abusos por eles cometidos na ceia do Senhor (cf. 1Co 11:17-22).

## SUPERFICIALIDADE

O ser morno também indica o ser superficial. A mornidão é a imagem de uma fé comprometida, no sentido negativo do termo, por causa da falta de fervor e de amor prático e verdadeiro. Isso tudo representa um círculo vicioso onde a superficialidade gera esse estado de coisas e, ao mesmo tempo, impede que ele seja percebido de forma mais clara e seja combatido de forma mais diligente.

A superficialidade atinge especialmente os cristãos que pouco conhecem das Escrituras, e atinge os cristãos que não praticam aquilo que eles conhecem da Palavra de Deus. De uma forma ou de outra, seja no conhecimento da verdade ou em sua manifestação prática na realidade da vida, todos os incoerentes são condenados como superficiais em algum sentido.

A fé cristã mantém em perspectiva verdades doutrinárias, além de compromissos éticos e espirituais extremamente profundos e radicais, capazes de transformar o mundo caso praticados de forma consistente. Ser um cristão morno e superficial, portanto, é resultado da recusa em se aprofundar em tais direções.

Um mundo de estudos profundos em todas as áreas do conhecimento, bem como de engajamento prático no fazer o bem em amplos horizontes, está aberto a todos os cristãos que estão atentos às doutrinas

(ortodoxia) e às práticas (ortopraxia) bíblicamente recomendadas aos seguidores de Jesus. A superficialidade é opção unicamente no contexto da infidelidade à natureza da fé e à missão da igreja.

## HIPOCRISIA

A hipocrisia também é uma realidade usada para fazer par com a mornidão e carrega sobre si as marcas de algumas das mais pesadas repreensões de Cristo contra a liderança espiritual do povo de Israel de Seus dias (Mt 23:1-36). A hipocrisia da mornidão é equivalente à manifestação externa do autoengano característico dos laodiceenses. Ela se manifesta quando o cristão morno está tão iludido e convencido de seu autoengano que pretende ser capaz de enganar os outros, inclusive a Deus (cf. Os 11:12).

O pecado do farisaísmo é característica de Laodiceia, e isso a coloca em relação antagônica com Jesus. Talvez por isso, Cristo seja retratado do lado de fora, batendo à porta, com vistas a poder entrar no lar e no coração de Laodiceia (Ap 3:20).

Assim como o Senhor combateu os pecados farisaicos quando viveu entre nós, Ele nos alerta contra esses mesmos erros, mas agora disfarçados dentro do próprio cristianismo. Isso revela a absoluta coerência e constância de Cristo em combater um problema, venha ele de onde vier. A hipocrisia carrega em si a falsidade, a mentira e o que é enganoso e enganador. Esse espírito jamais deve ser admitido entre os crentes, pois em tese eles são os seguidores dAquele que foi o maior combatente de todas essas realidades.

## SEQUIDÃO ESPIRITUAL

A mornidão também evoca a imagem da sequidão, e essa é uma imagem pesada demais quando comparada com a promessa de Cristo de que “aquele que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4:14).

Os mornos têm negligenciado beber da água que Cristo oferece em troca de beberem suas próprias águas de autossuficiência e autoengano (cf. Is 4:1). Essa negligência é o segredo tenebroso de sua sequidão, imagem esta que evoca também relações áridas e cheias de atrito, que não fluem de forma positivamente cristã.

Cristãos secos estão esvaziados de uma espiritualidade mais fértil e prazerosa, fazendo com que eles precisem rever sua experiência ao lado do Salvador, que, através da repreensão, lhes chama a uma nova e diversa condição.

O salmista Davi descreve a “sequidão de estio” (Sl 32:4) como a imagem espiritual adequada para descrever aquele que cala seus pecados e tem a mão de Deus pesada sobre si. Dessa forma, a referida imagem é análoga à da mornidão e lida com aspectos de pecados não confessados. Isso é muito adequado para descrever Laodiceia, uma vez que se ela não está consciente de sua condição pecaminosa e de seus atos de transgressão, ela não os irá confessar, como está implícito em Apocalipse 3:17. Dessa forma, enquanto se ilude com sua justiça própria, ela fica privada da experiência do perdão e da purificação prometidos aos

que confessam seus erros (1Jo 1:9), o que demonstra o grave perigo por detrás de tal condição espiritual.

## CORAÇÃO DIVIDIDO

A imagem de um coração dividido evoca um estado confuso e complexo de coisas. Uma pessoa que quer, mas não quer, determinada coisa. Imagine uma pessoa que quer, mas, ao mesmo tempo, não quer uma profunda relação com Deus. Há aqui um elemento de instabilidade muito complicado que poderia ser entendido mais ou menos assim: na teoria, a pessoa deseja andar com Deus de forma intensa, profunda, séria, fiel e tudo o mais, mas, na prática, não quer pagar o preço para viver tal relação ao lado do Senhor e termina revelando que, na verdade, ela não quer aquilo que antes julgava querer.

A mornidão é um estado aparentemente parecido com isso, com o agravante de que ao mesmo tempo que um cristão não deseja realmente viver uma vida consagrada a Deus, ele se ilude de que está tudo bem, pois ele, pelo menos, “gostaria” de conseguir viver uma vida dedicada ao Criador. Isso o coloca acima dos demais homens e sua indisposição prática é facilmente interpretada como natural em função dos limites das capacidades humanas em se relacionar com Deus de forma perfeita.

Mesmo sendo correto dizer que uma vida perfeita esteja além da condição humana neste mundo, o fato é que ninguém deveria usar esse fato bíblico e incontestável para justificar uma vida menos fiel do que uma pessoa deve ser capaz de levar pela graça de Cristo na presença do Eterno.

O quadro bíblico mais interessante e mais complicado em torno dessa imagem é a experiência do homem de Romanos 7. Nesse texto, que é um dos mais polêmicos de toda a revelação cristã, Paulo descreve em primeira pessoa a experiência de alguém que quer fazer o bem, mas faz o mal (Rm 7:21). Muitos estudiosos na história da interpretação do Novo Testamento se debruçaram sobre esse texto a fim de identificar se Paulo fala de si mesmo antes da conversão como judeu e vivendo debaixo da lei, ou depois da conversão como cristão, livre da lei.

Independentemente da resposta às polêmicas milenares em torno do texto, o homem de Romanos 7 é alguém descrito como desejando fazer o bem, mas não conseguindo e, dessa forma, fazendo o mal que não desejaria fazer. Esse quadro não é sinônimo perfeito da mornidão acima descrita como a condição de um coração dividido, conquanto restem algumas semelhanças.

O morno de coração dividido não quer realmente fazer o bem, apenas se ilude de que gostaria de fazê-lo caso fosse mais fácil assim proceder e ele não tivesse que negar a si mesmo de forma tão radical. O homem de Romanos 7 realmente deseja fazer o bem, mas encontra os limites da natureza humana e de sua experiência neste mundo de pecado.

Se as imagens evocadas acima fossem perfeitamente sinônimas, Paulo seria o “morno” por excelência seja em sua experiência pré ou pós-conversão. Não sendo esse, porém, o caso, podemos concluir que o morno tenta se utilizar da retórica de Romanos 7 como se o texto se referisse a si mesmo, quando, na verdade, ele não se refere. O suposto desejo de fazer o bem, no morno, é meramente ilusório e só sobrevive

até que a realidade lhe cobre atitudes contra os pecados que ele realmente deseja viver e dos quais não deseja abrir mão.

## CRISTIANISMO CASUAL

Longe de compreender, crer ou se comprometer com a mensagem da salvação, Laodiceia manifesta desprezo pela verdade e representa uma condição na qual se vive um cristianismo casual e de conveniência.

Estruturas familiares e sociais transformam milhares de pessoas descrentes e infiéis em “cristãos”, e, assim, a mornidão se alastra como fogo em meio a uma montanha de palha seca. Muitos desses cristãos, porém, recuariam com desprezo diante da mensagem bíblica caso a conhecessem de verdade, e a rejeitariam por completo ao verem que ela não se harmoniza, nem de longe, com suas ideias pessoais e práticas corriqueiras.

Essa dimensão sociológica do problema da mornidão é uma das mais difíceis de serem tratadas. A solução do problema, a meu ver, não é expulsar da comunhão da igreja aqueles que ali estão mais por convenções familiares e sociais do que por qualquer outro motivo, sendo pessoas geralmente apáticas e sem maior vida espiritual. Em vez disso, o foco deveria ser tentar ajudar tais pessoas a entender o sentido das crenças e práticas da igreja e sua relevância tanto a elas como pessoas quanto a um mundo que perece no pecado.

O objetivo é fazer tais pessoas enxergarem a natureza da verdade e da vida cristã de forma a que entendam o privilégio de conhecê-la e poder pregá-la aos outros, superando assim essa mornidão de quem

trata a igreja como um clube de fim de semana, mais ou menos tão chato quanto obrigatório que se frequenta por tradição e/ou conveniência.

## LEGALISMO

A mornidão está, também, lado a lado com o legalismo. E essa também é uma figura muito interessante. No contexto da mensagem de Cristo à última igreja do Apocalipse, a manifestação do legalismo nos conduz a vislumbres profundamente perturbadores da condição da igreja cristã nos últimos dias da história terrestre.

O cúmulo da autoilusão é atingido quando uma pessoa ou igreja coloca a si mesma como o padrão do que é correto e torna isso a “lei” para julgar tudo e todos. Nesses casos, a Bíblia e sua noção particular da natureza última da lei de Deus (cf. Rm 13:10, dentre outros textos) é deixada de lado ou, no máximo, interpretada como convém aos donos da verdade do momento, os laodicenses.

O legalismo é uma forma equivocada e pecaminosa de lidar com os aspectos legais da revelação divina e ele pode ser fielmente retratado como um câncer no corpo de Cristo. Uma doença que tem potencial de matar ou, no mínimo, de fazer com que a trombeta soe a nota errada (cf. 1Co 14:8). Nossa salvação é fruto da graça de Deus e é atingida pela fé em Jesus Cristo, e não por obras da lei (cf. Rm 3:20, 27-28; Gl 2:16). Portanto, suscitar o legalismo em qualquer dimensão ou direção é ir contra a mensagem mais básica e fundamental da Palavra de Deus para a salvação dos seres humanos.

Uma das ironias da relação entre mornidão e legalismo é que algumas pessoas podem adentrar no legalismo supondo justamente ter encontrado a “cura” para a mornidão, mas, ao assim fazer, se tornam presas de uma das formas mais perversas dessa condição espiritual. Aquela que faz uma pessoa se sentir segura em função de sua adesão à “lei”, ao mesmo tempo que fatalmente a graça de Deus é retirada de sua devida posição como única segurança real para qualquer pecador.

## DÚVIDA

Os cristãos devem “se compadecer de alguns que ainda estão na dúvida” (Jd 22) e devem lembrar que aquele que duvida é “semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento” (Tg 1:6). Portanto, não podemos conceber que os próprios cristãos sejam seres possuídos dessas mesmas dúvidas contras as quais a Palavra nos adverte. Mas é exatamente isso que a mornidão faz em seus hospedeiros. O cristão morno consegue conhecer e crer na verdade, e ainda assim duvidar dessa verdade quando ela confronta sua mornidão. Um exemplo poderá ilustrar esse fato.

Diante da exortação “sede fervorosos de espírito” (Rm 12:11), dois grupos diferentes de cristãos mornos tentam interpretar essa exigência de forma a acomodar sua própria realidade a essa exortação e hipoteticamente podem pensar coisas como: “Eu vou à igreja com regularidade, não mato nem roubo e oro a Deus; portanto, sou fervoroso de espírito”; ou: “Participo de cultos animados aos berros, gritos, louvores e manifes-

tação do dom de línguas, e existem muitos milagres do Senhor no meio da minha comunidade cristã; portanto, sou fervoroso de espírito.”

Esses dois exemplos mostram um pouco da amplitude na qual a mornidão pode se manifestar, pois em ambos os casos não há nessas atitudes descritas indicação que garanta presença do “fervor de espírito” na vida de tais adoradores. As únicas coisas garantidas que podemos afirmar com certeza nesses dois exemplos são frequência a cultos diferentes e uma mesma ilusão: ir a um culto me faz “fervoroso na fé”.

Existe pouco senso crítico sobre em que consiste o verdadeiro fervor espiritual e como ele realmente se manifesta: primeiramente no coração e depois externamente. E externamente não apenas dentro de uma igreja de quatro paredes.

Caso uma pessoa “fervorosa” como as duas que ilustramos aqui entrasse em contato com a Palavra de Deus e fosse confrontada com o fato de que é possível fazer uma oração intensamente fervorosa que não seja aos berros, ou que não basta não matar ou roubar para ser fiel a Deus e fervoroso, e logo essas pessoas manifestariam descrença e descontentamento com aquele que lhe ousasse perturbar sua paz com esse tipo de questão.

A mornidão muitas vezes gera confusão religiosa, pois pressupõe ser legitimamente cristão aquele que não passa de alguém morno em sua relação com Deus e com as pessoas. Dessa forma fica cada vez mais difícil (senão impossível) distinguir cristãos de não cristãos. Nos exemplos mais radicais desse problema, aparentemente é possível encontrar mais fé e mais amor da parte de quem supostamente pouco ou nada

sabe de Jesus do que entre os que alardeiam ser seguidores do Mestre. Essa é uma faceta do dilema religioso que desorienta muita gente que está em busca da verdade.

A amplitude e profundidade das divisões entre os cristãos, somadas à realidade da mornidão em todas as comunidades de fé, torna a busca pela igreja verdadeira, como a comunidade de fé e amor genuinamente bíblicos, uma tarefa que pode se revelar extremamente ingrata. Especialmente diante dos erros que toda igreja tem, como instituição/comunidade composta de seres humanos.

O medo e a dúvida se alastram de forma muito fácil diante desse ambiente, e a tarefa de vencê-los pertence a todos os cristãos. A solução não é manter a pretensão de saber tudo e não ter dúvidas a respeito de nada, mas manter-se confiante nas verdades divinas conhecidas, ainda que muitos mistérios aguardem a eternidade para serem revelados. Muitas dúvidas podem existir na mente de um verdadeiro cristão sobre uma infinidade de questões secundárias em torno da fé, mas nenhuma dúvida deve haver sobre as verdades fundamentais da revelação bíblica, especialmente em torno do amor de Deus (1Jo 4:8) e da salvação unicamente pela graça de Jesus Cristo (Ef 2:8).

## IRREGENERAÇÃO

O conceito de irregeneração, colocado em paralelo ao conceito de mornidão, foi evocado por George Whitefield, teólogo e evangelista calvinista. Em resumo, na mentalidade calvinista, a regeneração é uma

obra monergista, contendo todas as sementes daquilo que conduzirá o eleito/predestinado à salvação. A ausência da regeneração é, então, a ausência da própria salvação no contexto da eleição e da predestinação. Whitefield, portanto, está repugnando a mornidão a ponto de indicar que ela demonstra que o morno sequer passou pela fase inicial da salvação, estando, de fato, perdido.

A única esperança para ele está na experiência dos frutos da obra de regeneração subsequente a essa condição e que lhe dê a vitória sobre ela, demonstrando que tal pessoa foi, sim, eleita/predestinada à salvação na eternidade passada.

Eu, particularmente, tenho muitas reservas quanto à soteriologia calvinista de forma geral e a esse conceito monergista de regeneração de forma específica. Creio, em resumo, que igualar a mornidão com irregeneração com implicações de ausência da própria salvação na experiência do morno é ir longe demais, além de carregar implicações tenebrosas em diversas direções teológicas.

O morno no livro de Apocalipse se esfriou ou sequer se aqueceu o suficiente, mas aparentemente não está numa condição de absoluta morte/inabilidade espiritual e perdição irremediável. Além disso, a própria repreensão de Cristo pela situação do morno demonstra que é impossível que o problema se dê pela simples falta da regeneração monergista, cuja culpa terminaria recaindo sobre o próprio Deus, que, até aquele ponto, portanto, ainda não o havia regenerado.

Dessa forma, no paradigma calvinista, foi Deus que supostamente não escolheu/predestinou a pessoa a ser salva, e, por isso, ela

não é regenerada. Então, qual o sentido de atribuir à mornidão a culpa pelo estado de perdição na qual a pessoa se encontra e permanecerá até o fim?

Creio que esse quadro implicaria na falsidade de Deus, uma vez que a razão da perdição da pessoa, nesse caso, estaria no fato de não ter sido eleita por Deus para a salvação, nem Cristo derramado Seu sangue por ela, e não no fato de ela ter manifestado mornidão na sua relação com o Senhor.

O paradigma calvinista, portanto, não é correto nem suficiente para esclarecer adequadamente o conceito de mornidão, mas a força da negatividade da referida condição é bem explícita e demonstra a repugnância que a condição daquele que “não é quente e nem frio” traz à mente também dos cristãos calvinistas.

## **PECADOS DE OMISSÃO**

A expressão “pecados de omissão” aqui denota problemas espirituais que representam em grande medida omissões em relação ao que é correto e que fazem parte do amplo espectro de pecados condenados na imagem da mornidão.

Cada problema descrito no que se segue representa pecados de omissão na experiência religiosa e está conectado à ideia da mornidão. Deixar de fazer o bem que se sabe que deve ser feito é descrito na Palavra de Deus claramente como pecado (Tg 4:17).

Seja como for, a imagem da omissão é muito ampla em potencial e conduz alguns ao desânimo, uma vez que parece ser muito difícil fazer tudo o que pretensamente se deveria fazer relativamente às questões espirituais. Assim, as pessoas mais sensíveis a tais ideias se esforçam muito para não se omitirem de seus deveres religiosos/espirituais, mas em geral precisam terminar reconhecendo que se omitem e erram em muitos pontos, sim (cf. Tg 3:2).

O autoengano da mornidão laodiceana é um elemento possivelmente perturbador nesse contexto, que pode fazer com que uma pessoa não veja a gravidade de seus pecados de omissão e se sinta justa apesar de negligenciar muitos aspectos da revelação e da vontade de Deus na prática.

## INDECISÃO

Toda e qualquer indecisão em direção à verdade e vontade de Deus é uma forma de manifestar a mornidão do coração. A indecisão é associada, na Palavra de Deus, à imaturidade (2Cr 13:7) e à covardia por conveniência política, como no caso de Pilatos (Mt 27:11-26; Mc 15:1-15; Lc 23:1-5, 13-25; Jo 18:33-19:16).

Ela ocorre quando um ser humano vacila entre o que ele sabe que deveria ser feito: amar, perdoar, se santificar, abandonar o pecado, julgar com justiça, dentre outras coisas, mas por razões diversas como comodismo, medo, incerteza, dúvida, falta de fé ou de amor, apego ao pecado, ele não faz.

Ao mesmo tempo, todavia, o morno não se coloca em guerra declarada e aberta contra aquilo que, em tese, ele sabe que deveria ser feito. A natu-

reza de sua indecisão não tem necessariamente que ver com a dúvida entre o certo e o errado, mas com problemas diversos, como, por exemplo, os temores paralisantes a respeito das consequências práticas do envolvimento com o que é certo e/ou com o confronto com o que é errado.

Aqui há uma forte tendência à indolência e à ideia de que apesar de o bem e o mal estarem claramente delineados em tantas questões diante de si, uma adesão muito radical ao bem ou rejeição muito direta ao mal não é uma atitude prudente, sábia ou equilibrada. Também as facetas negativas de uma tolerância “cristã” que avance para tolerar o pecado além do pecador podem ter sua raiz no pecado da indecisão.

Estar indeciso em relação às questões espirituais também pode representar um grande perigo diante das oportunidades divinas em termos de salvação. O eunuco etíope, em contato com Filipe, não respondeu de forma indecisa ao anúncio de Jesus Cristo e perguntou pelo batismo, sendo em seguida batizado (At 8:26-38). Saulo de Tarso precisou ser confrontado com a necessidade de decisão a fim de ser batizado e ter seus pecados lavados, invocando o nome de Jesus (At 22:12-16), ao que ele prontamente obedeceu (At 9:18; cf. 26:19).

A indecisão poderia tê-los feito deixar de aproveitar o dia da visitação divina (Lc 19:41-44) e o próprio dia da salvação, chamado hoje (Hb 4:6-7). Por isso, o perigo por detrás de uma postura morna/indecisa no início da caminhada cristã. Mas não se engane e saiba que o mesmo perigo espreita aqueles que já deram os primeiros passos no caminho da salvação, mas ainda podem cair da fé e da graça em contextos de indecisões pecaminosas na direção de se fazer o que é correto (Hb 6:4-8; 10:26-31).

## APATIA

A apatia invadiu a espiritualidade de muitos, e tais cristãos são um testemunho tenebroso para os incrédulos, passando a impressão de que, no fim das contas, a religião cristã realmente não passa de uma “fábula engenhosamente inventada” (2Pe 1:16). A única ressalva que esses incrédulos fazem é do adjetivo “engenhoso”, nesse contexto.

Pouco antes da volta de Jesus é o momento em que o mundo precisa dos mais fortes e decisivos exemplos de fé e amor dentro da comunidade que leva o nome de Cristo. No entanto, ao contrário, vemos uma disseminação de um estado estranho de coisas, onde o bem é cada vez mais escasso e surpreendente e o mal é cada vez mais normal e comum.

A apatia tem sido a regra entre almas cansadas, que já não suportam mais a tensão de reagirem proporcionalmente aos desafios da realidade e, agora, se contentam com uma disposição indiferente sobre os rumos das coisas na igreja e no mundo.

A obra da salvação e a obra do pecado dentro da igreja deixam de ser experimentadas e avaliadas com alegria e indignação proporcionais e passam a ser enfrentadas cada vez mais com um movimento de ombros do tipo: do que importa? A apatia é uma das maldições do pecado, das quais Deus promete nos livrar por toda a eternidade no Seu Reino (cf. Is 49:10).

## INÉRCIA NA DIREÇÃO ERRADA

O morno é também aquele que tem dificuldade de mudar os rumos errados de sua caminhada espiritual. Ele age dessa forma, pois aparentemente não entendeu, não creu, nem experimentou as realidades mais intensas da vida cristã de forma mais séria e profunda, apegando-se a vícios e problemas difíceis de se vencer.

Portanto, um cristão morno é alguém que sucumbiu ao crescimento espiritual e, apesar de não ver isso, está temporariamente destituído de uma fé genuína. Nessa situação, ele é alguém que não pode agradar a Deus (Hb 11:6) e que, por isso, causa náuseas no Senhor. Estar inerte nessa direção é o que há de mais perigoso para a vida espiritual.

O cristianismo é a religião que entende que “um morreu por todos, logo todos morreram” (2Co 5:14). Isso significa que aqueles que vivem não devem “viver para si” (v. 15), antes devem experimentar o que significa “não mais viver”, mas ter Cristo vivendo em si através da fé (Gl 2:20). Isso implica em mudança de vida. Não pode haver inércia na direção do erro.

A filosofia do tipo “deixa a vida me levar” é absolutamente inadequada ao cristão, que deve lutar sábia e ativamente contra tendências e correntes de pensamento no mundo e na igreja que representem enganos e heresias (Ef 4:11-14). Uma postura de inércia nas questões espirituais é uma postura, no mínimo, inadequada.

## INDIFERENÇA AO PECADO

Uma condição espiritual de torpor acaba por fazer com que alguém se torne indiferente ao pecado, à enormidade de seu caráter ofensivo a Deus e à vida humana. A doutrina do pecado é uma das verdades fundamentais da Bíblia, aquela que explica a ampla quantidade de mal que vemos no mundo de forma geral e na humanidade de forma específica. Os cristãos que prezam pelas Escrituras mantêm que o pecado é uma condição humana herdada em função da queda (Rm 5:12, 19), bem como uma disposição de mente e coração para escolher o mal em termos de decisões deliberadas de transgressão da lei de Deus (Is 65:12; cf. 1Jo 3:4).

O quadro que surge a partir da argumentação acima não é positivo para nenhuma pessoa, e todos precisam reconhecer que pecaram (Rm 3:23) e ainda pecam (Ec 7:20). O peso espiritual de tais sentenças é esmagador e faz com que o homem entenda sua necessidade de redenção, perdão, restauração e libertação definitiva do pecado. Diante dessa perspectiva, torna-se mais fácil entendermos por que uma experiência de indiferença em relação ao pecado é algo tão tóxico e perigoso, pois fecha os olhos das pessoas à sua real condição de pecadores.

Quem se torna indiferente diante do mal que existe em si mesmo e nos outros já não pode sentir a urgência de ser transformado para sua própria salvação nem de trabalhar pela salvação do outro.

A mornidão é a encarnação de um processo de infidelidade para com Deus que se manifesta em uma crescente indiferença. Ninguém se torna cristão com o objetivo de ser infiel. Diante da pregação da Pala-

vra da vida eterna (Jo 6:68), o coração se aquece e comove (cf. Lc 24:32). Os mornos, todavia, se permitiram esfriar, e o desenvolvimento de sua fé não foi acompanhado de um crescente interesse, zelo ou amor, mas de uma triste indiferença cínica cada vez mais ampla. E quando tal condição atinge a alma humana, tal pessoa se encontra no terreno mais perigoso em que alguém poderia se encontrar, um lugar onde a verdade de Deus é desconsiderada para todos os fins práticos e relevantes para os quais ela foi dada em primeira instância. Temos um cristão ateu na prática.

A mornidão mostra todo o seu potencial destruidor quando consegue manter um cristão no nível de cegueira e infidelidade demonstradas até aqui, e ainda consegue fazê-lo se sentir seguro consigo mesmo. Só o Senhor nos faz repousar seguros (Sl 4:8) em todo e qualquer sentido. Não podemos confiar na carne (Fp 3:3), mas devemos ter segurança no Senhor, em quem Ele é e no que Ele fez, faz e fará por nós, e nunca em nós mesmos. A atitude básica que caracteriza Laodiceia é uma atitude perversa de autoengano na direção de uma indiferença ao pecado, e todos devem estar precavidos contra tal atitude.

## FRÍGIDA DESPREOCUPAÇÃO

O tempo em que vivemos é cada vez mais caracterizado por uma frígida despreocupação, ou seja, uma futilidade da parte de muitas pessoas de forma geral.

Mesmo os fascinantes avanços científicos e tecnológicos e a ebulição das relações sociais, políticas, econômicas e espirituais não têm

sido suficientes para tornar a maioria das pessoas mais engajadas com as questões cruciais para a humanidade. Um bando de zumbis viciados em redes sociais e futilidades é uma realidade atual.

Muitos cristãos, por sua vez, seguindo esse mesmo estado de coisas, vivem como se este mundo fosse oferecer muitos e muitos anos, e décadas, e séculos de paz e segurança (cf. 1Ts 5:3). Essa é sua filosofia prática, ainda que muitos deles admitam que as Escrituras e a realidade apontem para possibilidades bastante diferentes disso.

Essa despreocupação é frígida, fútil, inadequada, ilusória, mas aparentemente Laodiceia não se envergonha diante dos quadros mais negativos de sua própria ilusão. Ela prefere viver como se tudo fosse permanecer como está por muito tempo e não está disposta a vigiar de forma mais séria diante da situação do mundo e de si mesma como igreja.

Além disso, essa despreocupação é vista sempre que a igreja manifesta disposição unicamente de entreter a si mesma, em vez de servir e advertir o mundo do que virá. É como se os cristãos não mais tivessem uma mensagem urgente a pregar e pudessem se dar ao luxo de se fechar em torno de si mesmos despreocupadamente.

## COMPLACÊNCIA

A complacência com uma religião meramente formal e vazia não experimenta a manifestação viva e orgânica do corpo de Cristo que se une em oração, adoração, aprendizado, prática e proclamação da Palavra de forma espontânea, honesta e profunda, sempre mais e mais.

Alguns membros da igreja parecem não querer pensar, muito menos desejam ser confrontados com a realidade da maldade essencial por detrás de sua atitude morna para com Deus e com seus semelhantes. Tais pessoas frequentemente se tornam cada vez mais indiferentes a qualquer movimento, seja ele humano ou divino, que tenha o objetivo de abalar suas seguranças e convicções mornas e substituí-las pelo arrependimento e fé genuína no Salvador, com todas as implicações que isso carrega.

Nada parece ser capaz de substituir o torpor que toma conta da situação espiritual de tais pessoas, com o qual elas são coniventes por alguma razão estranha.

## FALTA DE ENTUSIASMO

Quando a minha religião não faz muito sentido para mim mesmo, então não há espaço para o verdadeiro entusiasmo na caminhada e na pregação da fé.

Não adiantaria tentar tornar o culto um local de grandes doses de “ginástica espiritual” com cavaleares injeções de autoajuda para animar uma congregação a crer naquilo em que ela não crê e a fazer algo que ela não está comprometida em fazer.

Existem dúvidas sobre qual é realmente o conteúdo da fé cristã, e sobre as formas legítimas de manifestar essa fé, e enquanto Laodiceia não encarar essa realidade e buscar na Palavra de Deus as respostas, sua mornidão será incurável.

O cristianismo de muitas pessoas está como que espiritualmente envelhecido e não se anima ou se alegra à medida que a igreja avança. Isso acaba sendo uma influência negativa sobre aqueles que são mais novos na comunidade, uma vez que, na prática, se espera que o entusiasmo natural e inicial na caminhada com Cristo seja inevitavelmente substituído em breve por uma situação idêntica a desses cristãos experimentados na mornidão.

## HESITAÇÃO

Os mornos hesitam em sua espiritualidade, testemunho, envolvimento missionário e compreensão de seu papel no corpo de Cristo e na sociedade de forma mais ampla. Dessa forma eles tropeçam e fazem tropeçar aqueles que estão no início de sua caminhada de fé e dão aos novos conversos a impressão de que ser cristão é algo que ninguém deveria desejar ser.

Os resultados de uma religião hesitante, sem foco e sem brilho nos olhos se expressam na realidade de comunidades inteiras em falta de envolvimento e serviço social e missionário. Cristãos hesitam em avançar como que temendo não ser o tempo em que vivemos tão sério e de responsabilidades tão solenes quanto ao testemunho da breve vinda de Jesus Cristo.

## NEGLIGÊNCIA

A negligência diante de sua própria eleição para o serviço ou para a salvação (2Cr 29:11; cf. Mt 25:14-30; 1Tm 4:14) tem por raiz a negligência no ouvir e no praticar a Palavra de Deus de forma vibrante e honesta (cf.

Tg 1:25). E aqui está a razão pela qual a mornidão é algo tão detestável, pois revela uma infidelidade fundamental na vida de alguém que diz crer e praticar aquilo em que ele não crê e aquilo que ele não pratica.

Esse também é exatamente o mesmo caso daquele cristão que está inerte, ou seja, estagnado, em sua relação com Deus e com a obra que Deus lhe concedeu. Só está parado em sua relação com as coisas celestiais quem aparentemente está satisfeito com aquilo que conseguiu absorver e agora simplesmente não está em busca de mais de Deus. É fato que aparentemente uma vida espiritual “quente” é algo muito exigente em termos de fé, amor, obras, obediência, santidade e santificação, dentre mil outras coisas. Mas o que se pede do cristão nesses quesitos é que ele sempre busque avançar dentro de suas capacidades e não que seja absolutamente perfeito em absolutamente tudo caso deseje evitar o estigma da mornidão.

O peso da busca pela fidelidade, especialmente diante dos constantes fracassos, gera desânimo na vida de muitas pessoas, especialmente aquelas que mantêm fantasias sobre a sua capacidade de atingir alguma espécie de perfeição. Mas não precisa ser assim. O que importa é ter a consciência de fazer o seu melhor sob o padrão da Palavra de Deus e não do seu próprio.

Laodiceia é repreendida por pensar o melhor de si mesma sem prestar atenção às condições que Deus pede a partir da Palavra em sua direção. Portanto, ao fazermos o nosso melhor, devemos sempre submetê-lo e avaliá-lo sob o fundamento da revelação e não sob o fundamento do “acho que está ótimo e Deus deve estar orgulhoso de mim!”

Não deve haver espaço para a negligência das maiores alturas a quem podemos atingir na vida de um cristão, nem ilusões quanto a nossas capacidades. O que deve existir é um crescimento do amor e da fé, mesmo em meio às muitas tribulações, tudo na perspectiva da manifestação cada vez mais próxima do Reino de Deus.

## COVARDIA

A mornidão envolve também a covardia daqueles que têm medo de mudar, ao mesmo tempo que necessitam desesperadamente de mudança. Os confortos e seguranças da condição presente lhes parecem infinitamente superiores ao exame do seu próprio coração que lhes revelará ali dentro toda sorte de hipocrisias e pecados em função dos quais eles precisarão mudar.

Encarar com seriedade esse estado de coisas conduzirá alguns dos laodicenses a perceber sua necessidade urgente de abandonar todo tipo de mal acariciado. Mas é importante enfatizar que admitir o próprio pecado e se submeter ao Senhor Jesus é uma atitude muito difícil para as pessoas que se sentem salvas e em paz com o céu em meio à própria infidelidade laodiceana (cf. Mt 7:22-23). Sua conversão genuína às vezes é mais difícil do que a das pessoas sem esperança e sem Deus no mundo (cf. Ef 2:12).

O enfrentamento da mornidão é uma tarefa penosa. Buscar fazer o levantamento e balanço do problema, apontar raízes e razões, delinear formas de confronto e superação da condição tão ruim quanto

perigosa exige a coragem de mexer com algo que, de certa forma, se for deixado como está, pode passar a impressão de ser uma dificuldade menor do que de fato é.

A Bíblia definitivamente não tem os “covardes” em alta conta (Ap 21:8) e aponta o destino deles como a perdição em caso de não arrependimento e mudança de postura. Os cristãos precisam estar conscientes das implicações negativas de sua vida de fé neste mundo, uma vez que perseguições e tribulações devem ser esperadas na experiência de todos (Mt 5:10; 2Tm 3:12; cf. At 14:22). Se formos covardes diante de tais perspectivas, certamente falharemos em passar por elas com a perseverança e resignação necessárias para os momentos difíceis.

## **PECADOS DE REBELIÃO**

A expressão “pecados de rebelião” aqui denota problemas espirituais que representam os chamados pecados “de mão levantada” e que fazem parte do amplo espectro de pecados condenados na imagem da mornidão.

Cada problema descrito no que se segue representa uma condição pecaminosa que se manifesta na experiência religiosa e implica em grave infidelidade a Deus. O fato de que Laodiceia aparentemente não consiga discernir sua vergonhosa infidelidade a Deus nem mesmo nesse tipo de situação é testemunha da gravidade da sua situação diante do Senhor.

## MUNDANISMO

Nenhum amor ao mundo, ou mundanismo (1Jo 2:15), pode ser tolerado ou justificado em nome da verdadeira fé. Todavia, mera crença, pertencimento religioso ou aparência de piedade não são salvaguardas contra as inúmeras formas em que o mundanismo pode se manifestar.

O amor ao mundo certamente obstrui a presença do amor do Pai e deve ser cortado da alma, ainda que esse seja um processo relativamente penoso para o pecador. Contudo, nem sempre o mundanismo se manifesta como algo grosseiro, mas pode indicar um espírito sofisticado de pecado que pode se manifestar mesmo em meios eclesiásticos e teológicos aparentemente acima de qualquer suspeita.

O mundanismo é uma manifestação complexa e nem sempre facilmente detectada ou eliminada em cristãos profundamente iludidos como os laodicenses. Pecados flagrantes são denominados atitudes mundanas, mas quem disse que os pecados “cristãos” sejam menos mundanos? Podemos nos congratular de não roubar, matar ou adular, “de fato”, mas, por vezes, cristãos mascaram suas frustrações pessoais, emocionais, psicológicas, sexuais, familiares e sociais com uma capa de ortodoxia e zelo pela igreja a ser lançada como parâmetro de julgamento condenatório contra cristãos em particular ou contra a própria comunidade de fé.

Nessa direção, a politicagem eclesiástica, bem como a irresponsável condenação ao inferno, a crítica puramente maldosa, a malícia contra o outro e a maledicência mentirosa se tornam pecados consagra-

dos e santificados por aqueles que estão indignados contra o “mundo” e defendem a “igreja”. O paradoxo é que cristãos mornos podem ser aparentemente zelosos e fervorosos pela suposta honra de Deus e da igreja, atentando para a obra de condenar quase tudo e quase todos, mas, ao mesmo tempo, reproduzindo posturas absolutamente mundanas como moralismo, suspeitas malignas, perseguição, falácias variadas na tentativa de justificar suas visões teológicas particulares (nem todas elas ortodoxas), mentira, dentre inúmeras outras manifestações.

Além de tudo, e para piorar a situação de uma vez por todas, práticas não regulamentadas clara e diretamente na Bíblia em torno de inúmeros tópicos da vida humana atual são inadvertidamente taxadas de mundanas, colocando mais munição nas mãos dos justiceiros contra os pecados que não constituem na quebra de nenhuma lei divina (cf. Rm 4:15). Mas que ninguém se engane: naqueles que são condenados em Apocalipse 3:15-16 essa disposição zelosa não passa de uma manifestação rebuscada da mornidão de um coração mundano.

O mundanismo é extremamente perverso, mas nem sempre de forma tão clara, e, por isso, muitos mundanos se passam por amigos de Deus e servos de todos, até que suas intenções sejam questionadas ou desatendidas. Desse momento em diante, toda a maldade do mundo se manifestará com reação aos que ousam discordar dos “servos do Senhor”. Se tal estado de coisas persistir até o pecado contra o Espírito Santo, o próprio Deus Se afastará definitivamente de tais mundanos resistindo aos soberbos e dando graça somente aos humildes (Tg 4:6; 1Pe 5:5).

## CARNALIDADE

Se o morno é um cristão carnal (cf. 1Co 3:1-3), pode-se entender que ele está aquém de seu potencial espiritual e permanece necessitado de purificação dessa condição (cf. 2Co 7:1), que envolve, além de uma imaturidade inicial, uma infidelidade terrivelmente perigosa (Gl 5:13, 19-21).

A carnalidade no cristão se refere à sua velha natureza, já subjugada, mas ainda não plenamente erradicada (cf. Ef 4:22). Dessa forma, o cristão deve estar em constante alerta contra o que é carnal, uma vez que isso ainda contém ecos em sua própria natureza e pode voltar a seduzi-lo ao pecado, seja ele qual for. Todos os cristãos lutam com essa mesma realidade, mas aparentemente o morno está numa condição especial de vulnerabilidade em função de seu elevado juízo sobre si mesmo em face de sua real condição.

Cristãos mornos e carnis são cristãos que dão vazão à carne em inúmeros particulares, ao mesmo tempo que aparentemente não imaginam que podem estar atraindo sobre si mesmos todo tipo de mal no momento atual, e até mesmo a condenação definitiva ao final, em caso de pecado contra o Espírito Santo no contexto da carnalidade.

## APOSTASIA

A apostasia é, resumidamente, a atitude de quem se aparta do Senhor, e a mornidão é uma forma especialmente cruel de se fazer isso. O morno tem a autoilusão como característica básica de sua identidade e

percepção de mundo, e isso torna possível que uma pessoa apostatada não se enxergue como tal, tornando a identificação e superação do grave problema bem mais complicadas.

Cristãos de diferentes tradições religiosas discutem sobre a possibilidade da apostasia da parte de pessoas salvas e sobre a capacidade de “re-conversão” ou arrependimento do apostatado em inúmeros contextos.

Os textos e Hebreus 6:4-8 e 10:26-31 são chave nessa discussão e tratam de pessoas que deixaram para trás seu compromisso inicial para com a mensagem da salvação. O ponto central da experiência da apostasia é recusar o perdão que Deus graciosamente ofereceu por meio de Seu Filho.

Esse comportamento então leva à condenação de todos aqueles que, na corte escatológica de Deus, forem revelados como tendo recusado a oferta de misericórdia divina em contexto de apostasia, apesar de sua fé inicial nos primeiros contatos com o evangelho.

A apostasia, dessa forma, é uma atitude de quem volta para trás, que avalia a fidelidade ao seu compromisso cristão inicial como algo que não merece seriedade e perseverança.

O perdão dos pecados, uma vez valorizado, deixa de ser atrativo e a vida segue numa direção que antes era evitada. Tudo isso envolve uma atmosfera morna na alma do apostatado, de forma que ele viva espiritualmente anestesiado enquanto se afasta mais e mais do Senhor. Se tal condição persistir até o ponto do pecado contra o Espírito Santo, o apostatado terá perdido sua salvação e enfrentará o destino dos perdidos.

## **MORNIDÃO COMO CONDIÇÃO PECAMINOSA E COMO INFIDELIDADE À LEI DE DEUS**

Até aqui vimos que a imagem da mornidão implica em vários tipos diferentes de pecado. Na próxima seção iremos resumir e arrematar toda a ideia em torno de três questões abordadas resumidamente: mornidão como condição pecaminosa, infidelidade à lei de Deus e incoerência entre fé e obras.

### MORNIDÃO COMO CONDIÇÃO PECAMINOSA

A mornidão pode ser vista como uma caracterização profética adequada de uma certa condição pecaminosa manifesta na igreja de Laodiceia. Uma condição pecaminosa diz respeito não somente a atos isolados de transgressão, mas a uma atmosfera de pecado que se manifesta de forma geral também em negligências, omissões e situações de pecado estrutural.

Nesses casos, a discussão entre o nexos de culpa e a capacidade de superação completa da referida condição pecaminosa é bem mais complexa do que no caso das transgressões. Parte disso será tratado na conclusão deste livro. Mas por ora é importante identificar que a ideia é como se a mornidão, antes de ser uma atitude dolosa da parte do cristão morno, fosse uma condição de existência herdada em todo o contexto de pecado do mundo desde a queda de Adão até ele.

Assim, o morno talvez seria simplesmente alguém imperfeito em contextos de pecado, e conquanto alguns desses pecados sejam voluntários, outros parecem ser mais fundamentais e denotam defeitos da própria natureza humana, caída e manchada. Seria, portanto, o morno meramente uma vítima do pecado e não seu agente ativo?

A dura repreensão dirigida à igreja por causa de sua mornidão, nesse contexto, chama a atenção para a importância da questão. Mesmo não sendo acusada de idolatria ou de imoralidade, a igreja da Laodiceia recebe a mais forte condenação de todas as sete igrejas do Apocalipse. Isso indica que além de uma condição pecaminosa, a mornidão é também uma transgressão pela qual a igreja de Laodiceia é culpada. Por isso, a seguir falaremos de mornidão como sinônimo de infidelidade à lei de Deus.

## MORNIDÃO COMO INFIDELIDADE

O Catecismo de Westminster declara que a “mornidão é um dos pecados proibidos no primeiro mandamento da lei de Deus”. E certamente o juízo de Cristo contra tal condição aponta para o fato de que ela é perigosíssima e representa transgressão da vontade do Senhor.

Essa infidelidade dos laodicenses pode ser inferida a partir de percepções diferentes a respeito de sua condição morna. A Palavra de Deus declara que “há caminhos que ao homem parece direito, mas no fim são caminhos de morte” (Pv 16:25), e o fato de que Laodiceia estava andando por esse caminho é evidenciado por seu contentamento com sua prosperidade material enquanto inconsciente de sua pobreza espiritual.

Certamente Laodiceia não discernia o destino correspondente e inevitável à sua condição espiritual e julgava, ilusoriamente, estar em caminhos que a conduziriam à vida eterna.

O pecado de Laodiceia vai além de não responder à graça de Deus com o fervor espiritual ideal, mas indica que a infidelidade transgressora da lei de Deus (cf. 1Jo 3:4) por parte de Laodiceia lançava uma avalanche de dúvidas sobre o caráter de Deus, mal representando o amor, a justiça, a verdade e a santidade de Deus perante aqueles a quem ela deveria testemunhar do evangelho. E essa condição descreve com terrível realismo um pesado quadro de infidelidade contra o Senhor.

Arthur W. Pink descreve a condição infiel que se revela na mornidão laodiceana dizendo que a igreja iludida

afirma ser divina enquanto ainda se inclina para tudo que é terreno; carrega o nome de Cristo, mas mal representa a Ele e O expõe a vergonha aberta. Muita religião, mas pouca vida. Muita atividade, mas pouca vitalidade. Muitas coisas feitas, mas poucas coisas realizadas. Muita pompa, mas pouco poder. Intensa mundanidade e maldade coberta com pretensões humanitárias e religiosas.

Lang, por sua vez, nos diz que igrejas que encarnam a condição de Laodiceia são preguiçosas e corruptas. Já Stefanovic nos diz que a mornidão de Laodiceia é a condição de indiferença e autossuficiência.

Todas essas imagens são descrições pesadas de uma condição de infidelidade contra o Criador: mal representar a pessoa de Cristo é tomar Seu nome em vão (Êx 20:7); falsidade, hipocrisia e mentira, condenadas no nono mandamento (cf. Êx 20:16), são as realidades predominantes na vida das pessoas que pretendem ter cidadania celestial ao mesmo tempo que se empenham apenas naquilo que é corretamente descrito como “mundano proceder” (cf. 2 Co 10:2); expor o Filho de Deus à vergonha e ao desprezo é o mesmo que crucificá-Lo para si mesmo (cf. Hb 6:6). E tal abominação é conduzida e realizada de forma tão intensa e cruel pelos cristãos mornos, como quanto por pecadores que pecam em meio a temperaturas mais quentes (cf. Os 7:4-10).

A tentativa de encobrir uma vida de pecado através de pretensos propósitos religiosos e humanitários representa também um engano essencial e pretende que Deus seja passível de ser enganado pelo homem (Mt 23:14; cf. Ez 8:5-12). A justificativa de que se teve disposição de fazer a obra do Senhor e/ou “o que vale é a intenção” não melhora a situação daqueles que são mornos, uma vez que em sua mornidão eles acabam fazendo tal obra “relaxadamente”, sendo malditos por causa disso (Jr 48:10).

A única escapatória da condenação para os mornos laodicenses está no arrependimento profundo e real conversão do coração em direção a uma fidelidade verdadeira para com Deus, nosso Salvador e Senhor, nos termos das soluções propostas pelo próprio Cristo em Apocalipse 3:18-22, das quais falaremos mais detidamente adiante.

O destino que aguarda uma pessoa ou igreja que negligenciar o dever de combater sua própria mornidão não poderia ser mais desastroso.

Para os mornos que não se arrependem de sua condição, tal qual Cristo lhes convida com urgência (Ap 3:19-20), resta apenas a expectativa horrível de juízo e fogo vingador que consumirá para sempre os adversários do evangelho de Jesus Cristo (cf. Hb 10:27), não lhes deixando raiz nem ramo (cf. Ml 4:1), restando serem vomitados da boca do Senhor.

Todos esses juízos são justos e implicam que a imagem da mornidão significa pecado e culpa no sentido ativo de infidelidade voluntária à vontade do Criador do universo. Nesse sentido, a mornidão é passível de ser vencida no caso de o morno atender aos apelos da Testemunha verdadeira em Apocalipse 3:18.

## MORNIDÃO COMO INCOERÊNCIA ENTRE FÉ E OBRAS

Morno é alguém em quem o amor esfriou (Mt 24:12), alguém que ainda não permitiu que a graça de Deus realizasse plenamente seu intento de produzir obras dignas de arrependimento (cf. Mt 3:8) e que, portanto, necessita de arrependimento e de crer na Palavra do Senhor mais firmemente (Mc 1:15).

A dicotomia entre fé e obras, condenada de forma tão explícita na Epístola de Tiago (2:14-26), é a verdadeira razão desse estado de mornidão que caracteriza a igreja de Laodiceia. Tudo gira em torno desse ponto.

Entender a mornidão de Laodiceia como uma referência à incoerência entre fé e obras nos garante vantagens significativas na compreensão desse assunto. A primeira dessas vantagens é de que através da condena-

ção do estado de mornidão Cristo condenou todos os pecados da igreja de Laodiceia, não importando sob qual disfarce eles possam se manifestar.

Laodiceia foi abençoada com grande luz, e nada pode justificar sua infidelidade para com essa luz. Pois se a luz dada a Laodiceia se tornar em trevas, por causa de sua indiferença e desobediência, quão grandes trevas serão! (Mt 6:23).

Portanto, a mornidão é um símbolo de tudo aquilo que pode representar incoerência com a verdade que Deus deu a conhecer para Sua igreja, a mesma que Ele ordenou que fosse proclamada a todo o mundo (Mt 24:14; cf. Ap 14:6-12) e que é poderosa para salvar as almas dos homens que creem em Jesus com fé viva e verdadeira (Tg 1:21; Jo 3:16).

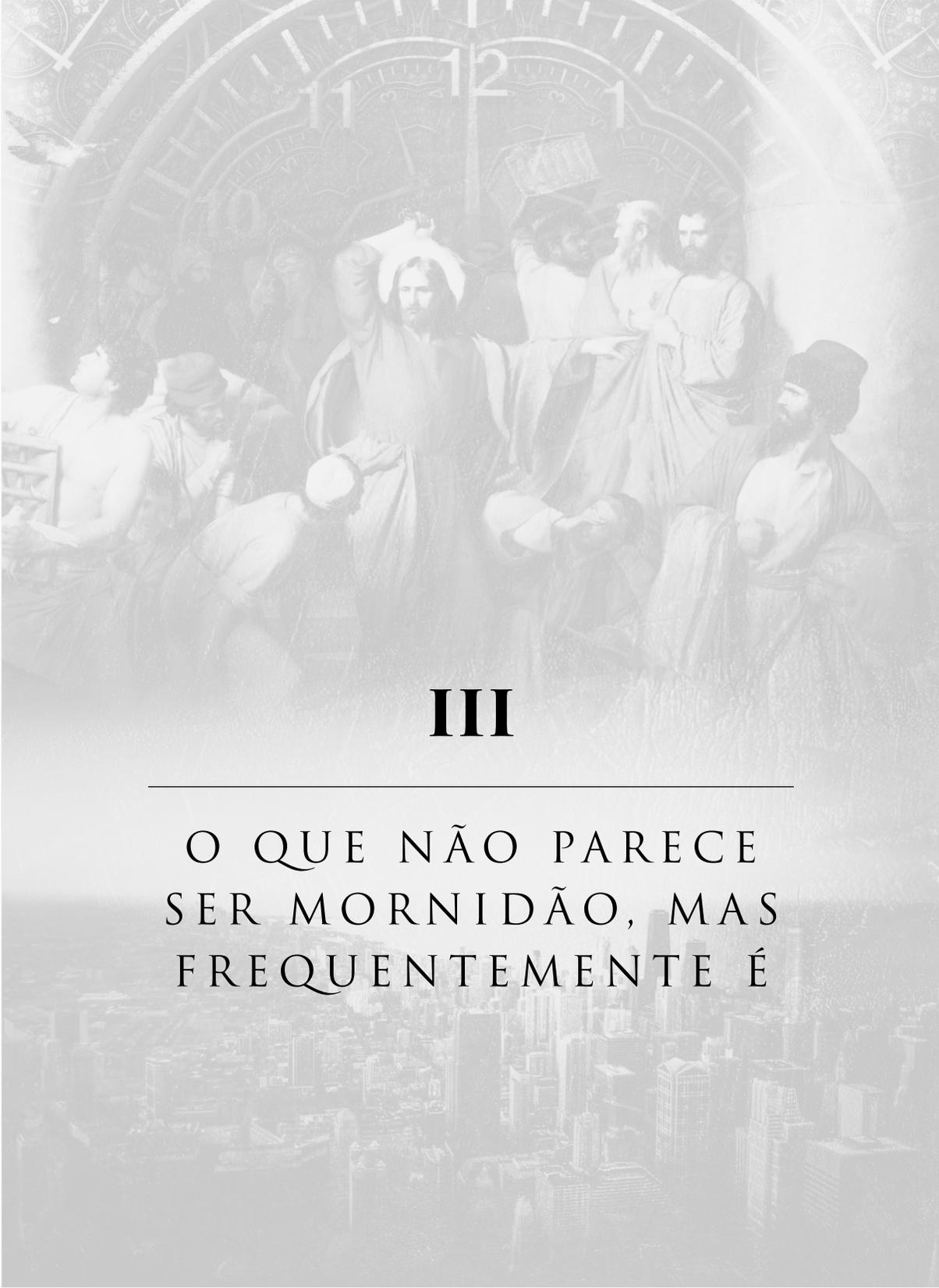
Se temos falhado em manifestar a fé que temos de forma coerente com seu caráter santíssimo (Jd 20-23), somos mornos. A fé cristã é distinta de qualquer outra, e a manifestarmos ao mundo em amor é a única forma de impedirmos que ela se torne inútil, sem valor e sem poder salvador para conosco mesmo, ou para com um mundo que perece (Gl 5:6). Mas caso sejamos rebeldes e mantenhamos nossa mornidão obstinadamente, seremos vomitados, pois para nada mais serviremos, como o sal que se tornou insípido (Mt 5:13). Esse é o preço que a mornidão cobra de seus credores indiferentes.

Cristo, porém, não apresenta os mornos como estando em uma condição desesperançada, da qual seria impossível escapar. O Senhor mesmo apontou o caminho de volta dessa condição terrível, e o elemento central nesse caminho estreito é a fé verdadeira.

Nossa única esperança é confiar do poder da graça de Deus para nossa salvação, e isso com “plena certeza de fé” (Hb 10:22), e com um coração

não dividido por causa de incredulidade em qualquer sentido, seguindo o exemplo do patriarca Abraão (Rm 4:1-8, 19-25), que estabelece o contexto para a identificação dos verdadeiros filhos de Deus no Novo Testamento (Gl 3:6-14, 23-29).

No próximo capítulo, lidaremos especialmente com aquilo que parece ser a antítese da mornidão, mas que pode, ao final, representar unicamente uma outra forma de manifestar o problema espiritual em questão.



# III

---

O QUE NÃO PARECE  
SER MORNIDÃO, MAS  
FREQUENTEMENTE É

Como já foi demonstrado até aqui, o conceito de mornidão abre espaço para inúmeras aplicações diferentes entre si, mas que de alguma forma podem ajudar a esclarecer questões importantes e específicas em áreas distintas da espiritualidade ou da vida de cristãos individuais ou de uma igreja em inúmeros sentidos. Tenho convicção de que a maioria dos leitores deste livro provavelmente não tinha noção da riqueza de conceitos e perspectivas bíblicas/espirituais que podem ser identificadas a partir de uma simples palavra da Escritura.

Apesar de crer já ter conseguido demonstrar a enorme dimensão que o estudo do nosso tema pode atingir, quero deixar claro que não pretendo ter conseguido identificar ou aplicar o conceito de mornidão de forma exaustiva, ou em todo o seu potencial, nem naquilo que já escrevi nem naquilo que ainda escreverei naquilo que se segue. Desejo simplesmente tornar explícitas aqui algumas possibilidades de aplicação para serem tratadas com seriedade por parte daqueles que estão interessados em identificar o tamanho potencial dessa imagem para desmascarar e condenar todos os pecados de todos os cristãos individuais ou como grupos/igrejas em uma só palavra: mornidão.

A pluralidade de perspectivas que podem ser enxergadas a partir do espectro da mornidão é ampla e rica na mesma medida e ao mesmo tempo que é potencialmente aterrorizante para qualquer cristão ou igreja com consciência espiritual. Tais posturas identificadas na sessão anterior do livro são tão comuns como difíceis de serem admitidas e superadas em razão da profundidade do pecado que habita em nós e da malignidade dos erros que são manifestam em nossos objetivos, pensa-

mentos e ações. Identificar que o cristianismo está cheio de hipócritas é fácil; ver-se como mais um deles é bem mais difícil.

O quadro é muito feio e humilhante para a natureza humana, a tal ponto de terminar alimentando a mornidão, que aqui pode ser vista também como uma espécie de racionalização da condição pecaminosa de uma pessoa ou de uma igreja. O resultado é que acabamos mascarando a realidade e concluindo que as coisas não são tão ruins como parecem ser, tudo de forma a minimizar a escuridão e o desespero que fluem do tenebroso quadro pessoal ou eclesiástico.

Quanto mais uma pessoa ou uma igreja tenta negar a realidade de que ela manifesta algum dos variados aspectos possíveis da realidade da “mornidão” em sua experiência religiosa, mais terrível essa ideia parece ser, uma vez que a negação é um ponto nevrálgico do problema específico ao qual estamos tratando.

Por outro lado, a simples admissão de ser morno em um ou mais sentidos não é confortável para ninguém, pois é a afirmação de que estamos numa condição na qual ninguém gostaria de se ver envolvido e pela qual merecemos ser severamente repreendidos, senão condenados eternamente. Não há saída fácil desse labirinto que nos conduz a reconhecer os aspectos ruins de quem nós somos.

Antes, porém, de tratarmos de possíveis soluções para a condição da mornidão, vamos nos aprofundar ainda mais no diagnóstico do problema deixando explícitas algumas posturas que não são consideradas “mornas” pela maioria dos cristãos, ao contrário, mas que podem esconder o vírus desse complexo problema espiritual de forma especialmente perversa. Va-

mos tratar de atitudes que parecem não ser mornas, mas dependendo do espírito em que são levadas a cabo, o são, definitivamente.

## ENTUSIASMO LITÚRGICO

Wilkinson afirma que se o coração de um cristão for morno ele demonstrará isso na forma como ele cultua/adora a Deus de forma pública e/ou em sua devoção particular.

Se utilizarmos esse mesmo princípio para avaliar a saúde de uma igreja em sua adoração ao Senhor, poderemos concluir que uma condição de mornidão na disposição de adorar a Deus e/ou no envolvimento com a pregação do evangelho ao mundo certamente se manifestará em uma mornidão litúrgica correspondente.

Algumas igrejas cristãs inclusive exploraram a imagem da “mornidão litúrgica” com o objetivo de se diferenciarem de outras igrejas. Isso é comum especialmente no pentecostalismo, que tenta se diferenciar nesse ponto dos demais ramos do cristianismo, tanto católico romano não carismático como protestante tradicional. Alguma forma do conceito de mornidão litúrgica, interpretado de forma a apoiar um carismatismo de matizes avivadas/pentecostais, já foi usado extensivamente e continuará sendo usado para atacar a liturgia de qualquer igreja que mantenha uma adoração e um louvor a Deus de forma mais tradicional, em sentido geral.

Uma aplicação litúrgica para o problema da mornidão de Laodiceia, entretanto, não é evidente no texto do Apocalipse, e as soluções para o

problema, cogitadas nos conselhos de Cristo para a igreja de Laodiceia (Ap 3:18), não evocam essa característica em especial. Assim, certamente a pretensão de uma igreja em afirmar sua “não mornidão” através de quaisquer de suas características litúrgicas avivadas oferece um quadro evidente e exato do princípio fundamental do autoengano exposto na profecia: “Pois dizes: sou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3:17).

Conquanto seja plenamente possível aceitar como verdade o princípio de que uma mornidão de coração irá se manifestar em uma mornidão litúrgica na igreja composta de pessoas com esse perfil espiritual, é totalmente inaceitável reduzir o conceito de mornidão a esse aspecto particular ou interpretá-lo como o ponto mais importante da metáfora apocalíptica.

Seria, todavia, uma irresponsabilidade hermenêutica deixar de avaliar essa intrigante questão através exemplos bíblicos claros. A Palavra de Deus revela o aborrecimento do Senhor com: aqueles que comparecem perante Ele fazendo “ofertas vãs” ao mesmo tempo que “multiplicam orações” enquanto têm as mãos “cheias de sangue” (Is 1:12, 15); aqueles que “entram pelas portas do templo para adorar a Deus” enquanto vivem uma vida de infidelidade à lei do Senhor (Jr 7:2-14); aqueles que se reúnem em “assembleias solenes” em nome de Deus e fazem ressoar melodias através de um “canto estrepitoso”, mas manifestam a ausência da justiça que traduz a vontade de Deus em suas vidas (Am 5:21-24); aqueles que têm “a aliança de Deus sempre nos lábios e repetem os Seus preceitos” ao mesmo tempo que rejeitam Sua disciplina prática (Sl 50:16-17). Tudo isso deixa claro que um avivamento puramente litúrgico, no qual o entusiasmo é a

característica destacada, e cujo resultado seja uma igreja onde se manifeste um louvor mais animado ou maior número de orações e ofertas espirituais a Deus, não necessariamente resolve, nem de longe, o problema da mornidão de Laodiceia.

## ENVOLVIMENTO MISSIONÁRIO

Há uma percepção entre muitos cristãos de que o envolvimento missionário traz fervor e convicção espiritual ímpares aos que se envolvem com a pregação do evangelho. Tal envolvimento seria, portanto, preventivo do problema de Laodiceia e oposto à experiência da mornidão. Entretanto, a imagem apocalíptica não parece ser direcionada a essa questão. Não me parece impossível que “grandes missionários” possam se tornar arrogantes, soberbos, altivos e desenvolver um espírito de justiça própria muito adequados para serem descritos através do conceito de mornidão.

É verdade que existem aqueles que concluem que através da imagem da mornidão laodiceana Cristo está dizendo, por implicação, que a água quente e a água fria são úteis, mas os mornos laodicensês são inúteis e não têm valor espiritual para a comunidade na qual eles vivem. Há também quem afirme que a mornidão de Laodiceia deve ser vista como a ineficácia do seu testemunho, ou que a tepidez da igreja de Laodiceia não providenciava o calor da cura para os espiritualmente doentes, nem providenciava alívio refrescante para os espiritualmente atribulados. Po-

rém, mais uma vez é bom destacar que a inutilidade/ineficácia da obra missionária dos cristãos laodicenses em sua comunidade não é, de forma nenhuma, explícita no texto bíblico. Ou seja, nada sabemos a respeito de uma suposta ineficácia missionária na igreja histórica de Laodiceia.

Interpretar a ineficiência no testemunho cristão de Laodiceia em termos mais amplos do que apenas na dimensão evangelística em específico pode ser mais adequado e pode nos conduzir a vislumbrar uma situação onde, talvez, mesmo envolvendo-se ativamente na pregação do evangelho, a igreja de Laodiceia não deixava de ser caracterizada pela mornidão.

Tal situação pode iluminar o significado de uma possível ineficácia evangelística, uma vez que a mornidão pode significar que havia uma apatia espiritual na igreja. Além disso, pode nos conduzir a entender que essa apatia agia como uma forma de contrabalancear ou mesmo neutralizar a obra evangelística que certamente era feita na comunidade, tornando-se contraproducente.

É bem verdade que alguém, em tese, pode manifestar algum zelo no esforço missionário, e ainda assim estar corrompido até mesmo em suas intenções em evangelizar, sendo que nesse caso o ardor missionário termina não tendo nenhum valor diante de Deus. Como, por exemplo, no caso do amplo sistema de pregação desenvolvido por testemunhas de Jeová e mórmons, que se esforçam por espalhar heresias perigosas por essa via.

Assim, é plenamente possível uma igreja manifestar grande zelo no esforço missionário, mas ainda estar tão envolvida em incoerências e infidelidades que tais pecados acabam neutralizando a uma ação mais poderosa de Deus em resposta a esses esforços. Isso acaba tornando a

experiência missionária zelosa dos laodicenses infrutífera e irrelevante para a salvação efetiva de sua comunidade.

A salvação é uma realidade da graça de Deus que é apropriada e vivenciada pelo ser humano “mediante a fé” (Ef 2:8). Assim, uma igreja desobediente/incoerente à sua própria fé, um quadro claro de mornidão, terá graves dificuldades em ajudar uma comunidade ainda descrente a crer em Cristo e a se relacionar corretamente com Deus para uma salvação através da fé que se manifesta na obediência ao evangelho (Rm 1:5; Hb 11:6).

Ellen White, por exemplo, define a mornidão espiritual, dentre outras coisas, como “um espírito mundano, seguido por frieza recíproca, acusações mútuas, maldades, contendas e iniquidade”. E, caso ela esteja correta em sua visão, como creio que está, então é certo que tal atmosfera espiritual desabona qualquer esforço evangelístico sério. Seria completamente estranho que uma comunidade que estava entrando em contato com o “evangelho” através de uma igreja que manifestava essa tenebrosa condição de infidelidade, indiferença e autoengano em sua própria relação para com Deus e uns para com os outros, se tornasse uma comunidade “sadia na fé” (cf. Tt 1:13).

Portanto, antes de responder à grande comissão de pregar ao mundo à altura (Mt 28:18-20) e resolver o problema de sua mornidão, entendida como ineficácia missionária por alguns, Laodiceia precisava readquirir uma noção adequada do evangelho em si. Corretamente entendido, o evangelho é uma mensagem que desfaz completamente o autoengano da pretensão à visão por parte daqueles que são espiritualmente cegos, e o faz com o objetivo de que eles enxerguem a manifestação das obras de Deus

(Jo 9:3, 39-41; Ap 3:17-18). Isso precisa ocorrer antes de eles poderem levar a mensagem de Cristo ao mundo com o poder que lhe é característico e devido (cf. 1Ts 1:5).

Uma das imagens bíblicas mais tristes e revoltantes desse tipo de espiritualidade morna e de seus frutos é a disposição missionária farisaica mencionada por Jesus. Segundo Ele, os fariseus rodeavam “o mar e a terra” (um grande esforço missionário!) para fazer um prosélito, e, uma vez feito, esse prosélito se tornava filho do inferno duas vezes mais do que eles mesmos (Mt 23:15). A razão disso estava no fato de seguirem as doutrinas e tradições dos homens ao mesmo tempo que abandonavam a Palavra de Deus (Mt 15:3, 9) – e tudo isso sob a “aparência/forma de piedade” (cf. 2Tm 3:5).

A mornidão, portanto, termina por ilustrar uma realidade espiritual no relacionamento com Deus que vai muito além de uma simples ineficiência evangelística no testemunho cristão, entendido como o convencimento da comunidade em que se vive de que o Cristo crucificado é o Salvador e Senhor de todos. É importante identificar também que o envolvimento missionário por si mesmo não é garantia de que um cristão ou uma igreja estão livres da condição que Cristo repreende tão pesadamente na igreja de Laodiceia.

É verdade que a mornidão se refere a uma condição espiritual complexa e ampla, que pode perfeitamente incluir a ineficácia do trabalho missionário onde existe preguiça, letargia e desinteresse pela proclamação do evangelho. Todavia, a mornidão também pode se manifestar na vida de alguém que mantém uma iniciativa missionária “zelosa”, mas que é

um hipócrita e infiel externamente envolvido num esforço de pregação da verdade que, ao final das contas, não se revela realmente comprometido em viver essa mesma verdade de fato (cf. 1Jo 3:18). Além disso, o grande esforço missionário para se pregar a heresia também cai sob a condenação de Cristo como sendo morna, uma vez que o herege pretende estar pregando a verdade, mas está enganando a si mesmo.

## **ZELO DOUTRINÁRIO**

Há um intrigante paradoxo na igreja cristã na atualidade. Convivemos lado a lado como igreja com uma erudição bíblica altamente desenvolvida e com uma enorme quantidade de pessoas que se dizem cristãs ao mesmo tempo que são bíblicamente analfabetas. Esse, inclusive, pode representar um amplo quadro de mornidão, especialmente entre aqueles que acham que sabem mais do que todos os demais ou entre aqueles que têm acesso ao conhecimento, mas se julgam satisfeitos com o pouco que já sabem.

No contexto dessa discussão, é tentador que surja uma ideia segundo a qual o zelo doutrinário e o aprofundamento teológico sejam a antítese da mornidão. Um estudioso empenhado em cavar fundo nas Escrituras em busca da verdade não é exatamente o quadro do membro morno da última igreja do Apocalipse, não é mesmo? Proponho que as aparências podem enganar.

Ainda que eu creia ser correta a conclusão de que um contato vivo com Deus por meio das Escrituras seja poderoso antídoto contra a mornidão, é interessante perceber as várias polêmicas presentes na Palavra de Deus contra pessoas que eram profundas estudiosas da Revelação.

Salomão, conhecido como o homem mais sábio que já existiu, pediu conhecimento a Deus, e o Senhor o concedeu, mas ainda assim isso não impediu o rei de ser infiel, sendo severamente criticado por isso no registro sagrado (2Cr 1:10-12; cf. 1Rs 11:1-10). Os sacerdotes da antiga aliança, aqueles que estudavam as leis bíblicas e administravam o culto do Senhor de acordo com elas, foram repreendidos por não darem honra ao nome de Deus em seu coração (Ml 2:1-2). Nicodemos era “mestre em Israel”, mas, na perspectiva de Jesus, não sabia coisas básicas na experiência do Reino de Deus (Jo 3:10). Além disso, os ais de Jesus contra os escribas e fariseus (cf. Mt 5:20; 7:29; 23:2-33; 27:41-42) demonstram que um mero zelo pela doutrina não garante vitória sobre a mornidão, especialmente em contextos onde a perícia teórica supera o desejo prático de viver de acordo com a vontade revelada de Deus (cf. Jo 7:17).

O mero entendimento ou estudo formal das questões bíblicas em termos linguísticos, contextuais, históricos ou doutrinários não colocam nenhuma alma absolutamente a salvo de perigos ou doenças espirituais. Supor isso seria de uma ingenuidade ímpar diante do fato de que o próprio inimigo de Deus e da verdade é suficientemente ousado para interpretar e aplicar a revelação também para seus propósitos tentadores e tenebrosos (Gn 3:1-5; Mt 4:6).

Portanto, a teologia em si mesma não pode ser a resposta definitiva ao problema que estamos tratando aqui, e certamente é possível que muitos teólogos amadores ou mesmo profissionais deixem de manter relacionamento íntimo com Deus apesar de sua perícia nessa área do conhecimento.

Uma questão interessante que surge nesse contexto tem que ver com a experiência daquele que viria a ser conhecido como Paulo, o apóstolo. Saulo de Tarso, segundo as palavras registradas por Lucas, se identifica como zeloso para com Deus desde os dias de seu farisaísmo (At 22:3). Escrevendo aos gálatas, o pregador dos gentios se identifica como alguém que era “extremamente zeloso das tradições de meus pais” (Gl 1:14). Tais identificações colocam a ânsia perseguidora e condenatória de Saulo em relevo diante do estudo do tema da mornidão.

Paulo era um fanático religioso, perseguindo os discípulos de Cristo até o ponto de ser identificado como quem perseguia o próprio Senhor (At 9:3-5). Isso indica que todo o conhecimento doutrinário e zelo religioso que ele tinha não o colocaram numa condição espiritual tal onde ele fosse capaz de perceber as coisas de forma mais clara e acurada. Ele estava gravemente enganado em relação a uma ampla gama de questões essenciais, e somente um milagre da graça e do poder de Deus pôde tirar as escamas de seus olhos, espiritual e literalmente.

Há em Israel a chamada “tradição do zelo”, que remonta até Fineias e sua história relatada em Números 25. O servo de Deus, naquele contexto, matou o pecador incorrigível que simbolizava a descarada infidelidade do povo. Aquilo fez cessar uma praga de sobre a nação escolhida.

Paulo provavelmente se identificava com essa tradição e justificava suas ações violentas e sangrentas em torno da necessidade de preservar as tradições dos fariseus contra todas as ameaças, mesmo que isso envolvesse a necessidade de medidas drásticas.

O zelo doutrinário em torno de uma tradição específica, aliado a exemplos da história sagrada, é extremamente perigoso naquilo em que pode se materializar numa espécie de “mornidão” incapaz de fazer juízos espirituais saudáveis e corretos diante da atuação livre do Espírito de Deus em direções além daquelas consideradas “ortodoxas” pelo grupo religioso ao qual se pertence. Essa realidade transformou o campo da doutrina bíblica em um palco de inúmeras “batalhas sangrentas”, em sentido figurado ou não.

Toda a história cristã está cheia de exemplos em que discussões religiosas, geralmente mescladas com interesses econômicos e políticos, se materializaram em retratos horríveis de nossa pecaminosidade perversa. Em nome de conceitos como “ortodoxia”, “santidade” e “verdade”, dentre outros, muitos cristãos se demonstram dispostos a manifestar um espírito de odioso combate mútuo a graus que podem atingir o ponto de inquisições, cruzadas, genocídios, perseguições e massacres.

A manifestação mais comum dessa realidade, porém, se dá em termos mais acadêmicos ou teóricos cujas implicações práticas são menos evidentes, mas não menos reais. Esse espírito ronda a igreja cristã como um leão procurando a quem devorar e é perceptível em função da profunda animosidade que existe entre tradições cristãs diferentes, mesmo em questões secundárias e irrelevantes para a doutrina ou experiência da salvação.

Essa situação não é simples de ser superada. A verdade é que as inúmeras e profundas discordâncias doutrinárias entre as tradições e denominações religiosas têm implicações para sua própria existência, autoconsciência e missão. Assim, é absolutamente natural e até mesmo saudável que exista amplo espaço para todo tipo de discordância e discussão de ideias entre os cristãos de linhas teológicas diferentes.

O que é inadmissível, entretanto, é a essencial falta de amor pelo outro em qualquer nível ou sentido por causa das diferenças de mera percepção e opinião teológica. Quando nossas diferenças religiosas fazem com que nosso amor ao próximo defínhe e/ou morra, nos tornamos fanáticos religiosos que rejeitam o mais importante que Cristo ensinou (cf. Mt 22:34-40) em nome daquilo que nós julgamos mais importante: preservar nossa “ortodoxia”, “santidade” e “verdade” de acordo com nossa tradição/denominação religiosa. A mornidão, nesses casos, é tão flagrante quanto nauseante.

## **PERFECCIONISMO RADICAL EM DIREÇÃO A UMA SUPOSTA SANTIFICAÇÃO**

Dada a íntima relação do conceito de mornidão com inúmeras formas e manifestações daquilo que é descrito biblicamente como “pecado”, alguns cristãos só conseguem ver uma solução para esse problema: a própria perfeição como resultado da experiência da santificação. Entendida em moldes

de uma superação da condição pecaminosa e da prática voluntária de qualquer transgressão da vontade revelada de Deus.

A ideia é que devemos manter uma fidelidade radical, no sentido positivo do termo, a tudo aquilo que Deus nos pede em Sua Palavra e não podemos nos deixar esmorecer por quaisquer dificuldades teóricas ou práticas em torno do ideal. Dessa maneira, quem chegar a viver nesse estado perfeito de consciência e fidelidade jamais poderá ser acusado de mornidão.

Além de se preocuparem em ser fiéis à Palavra de Deus, frequentemente esses cristãos avançam em seu entendimento da “revelação” para legislar ou admitir legislações sobre áreas mais cinzentas da vida humana. Com isso, acabam admitindo que a perfeição precisa incluir a adesão a restrições a serem implementadas em relação à sua alimentação, entretenimento, forma de se vestir e de todas as questões da vida, desde que tais restrições ascéticas sejam revestidas de ares de espiritualidade e consagração.

A falta de instruções bíblicas específicas em torno dos muitos regulamentos que surgem nesse contexto geralmente é encarada com indiferença. A ideia é que seja “óbvio” que a Bíblia nos dá princípios gerais e que cabe a nós, ou a alguns membros iluminados dentro da igreja, traduzir esses princípios gerais em limites bem específicos e a obediência diante dos regulamentos que surgem a partir desse contexto que supostamente são extremamente importantes para a espiritualidade em direção à vitória contra o pecado.

Está armado o palco para a manifestação de todo tipo de restrição ao que é “mundano” e “pecaminoso”, restando diante dos cristãos verdadeiros somente o que é santo, puro, bom, digno – em resumo, perfeito.

A adesão a essa mentalidade, em teoria, e a todas as regras que dela surjam na prática supostamente concederá ao crente obediente uma vida espiritual tão pulsante que a mornidão jamais conseguiria se manifestar, dado o grau de excelência e consagração possível de ser atingida da parte de quem segue esse caminho. Tanto quanto mais fanático for, mais certa é a vitória final.

Todas as exortações bíblicas à perfeição no Antigo e no Novo Testamento (cf. Gn 17:1; Mt 5:48), aliadas às perspectivas de “vitória contra o pecado” (cf. Êx 20:20; Jo 8:11), se tornam veículos da mensagem que designarei aqui como “perfeccionismo fanático”. As boas intenções parecem evidentes e cristalinas, e o fracasso dessas pessoas em cumprir os objetivos delineados no curso de seu pensamento e ação se tornam especialmente tristes diante da dignidade de sua busca, mas as razões disso não são tão difíceis de ser explicadas ou entendidas.

A própria Bíblia, que chama os crentes à perfeição e à vitória contra o pecado, pressupõe e estabelece a imperfeição da condição pecaminosa sobre todos os seres humanos, sem exceção na história da humanidade, a não ser uma, Jesus Cristo (Ec 7:20; Rm 3:23; 5:12; 1Jo 1:8-10; cf. Hb 4:15). Tal fato nos coloca diante de algumas complexidades? Sim, mas elas são facilmente compreendidas a partir das perspectivas bíblicas mais amplas em torno da questão.

A condição pecaminosa de quem é chamado para vencer o pecado indica que há pelo menos dois sentidos diferentes quando falamos da experiência humana em relação ao pecado. Em um sentido o pecado é uma condição da natureza humana, inescapável enquanto a natureza

humana for como é, não importa o esforço que o pecador possa fazer na direção da superação desse problema essencial (cf. Rm 7:21).

Por outro lado, o pecado também é descrito como transgressão, o que indica uma ação deliberada pela qual o pecador pode ser responsabilizado. E tais características fazem com o que pecado seja visto como superável, uma vez que ação deliberada e responsabilização pressupõem liberdade de escolha. E se há a liberdade de pecar, é necessário que exista a liberdade de não pecar, caso se recuse em se transgredir deliberadamente a lei/vontade de Deus (cf. Sl 119:11).

No paradigma bíblico, há espaço para se falar em vitória sobre o pecado (cf. 1Jo 3:6, 9), mas somente naquilo que o termo se restrinja à dimensão do conceito referente meramente às escolhas deliberadas de transgressão da parte dos seres humanos (Is 57:17), que naturalmente podem e devem ser vencidas pelos próprios seres humanos mediante a graça de Deus (Ef 2:10).

O problema do perfeccionismo fanático gira em torno de dois pontos que conduzem a uma experiência de mornidão extremamente grave. O primeiro problema é aplicar a lógica da vitória contra o pecado sobre todas as dimensões do conceito de pecado. Agora, além de ser capaz de “escolher” não pecar/transgredir, o homem supostamente deve ser capaz de sequer precisar conviver com qualquer dimensão de imperfeição pecaminosa que se refira à sua própria natureza caída. A ideia é que os homens podem, em tese, simplesmente não serem mais pecadores em nenhum sentido do termo, contradizendo Tiago 3:2, dentre tantos outros textos bíblicos, na prática.

Quando pessoas que acreditam nesse tipo de coisa são confrontadas com a realidade do pecado na vida de todos, eles tendem a interpretar a falha como estando localizada não na sua teoria, mas no nível de “consagração” atual dos crentes. É nesse ponto que todos aqueles regulamentos extrabíblicos e farisaicos fazem sentido para os advogados da teoria, mesmo que ainda sejam vistos pecados entre os membros do grupo.

A tese é que o crente está derrotado porque come isso, bebe aquilo, vê aquilo outro, toca naquilo outro. E caso venha a aderir a regulamentos mais estritos, mesmo diante de questões não reveladas na Palavra de Deus, ele estará numa posição cada vez mais vantajosa, e se seguir fielmente nessa direção atingirá a própria perfeição, ao arrepio de Colossenses 2:20-23, dentre outros textos bíblicos, naturalmente.

A teologia do perfeccionista fanático é de tal ordem, porém, que nenhuma argumentação que lhe contradiga pode ser admitida sequer em mínimo grau. O mundo jaz no maligno e conspira contra sua fé de verdadeiro filho de Deus que não se contenta com uma vida de derrotas e pecados. Todos os questionamentos à sua ideia devem vir do próprio Satanás, sem sombra de dúvida.

O perfeccionista se cerca de milhares de regras ao estilo “pode/não pode”, se congratula de não seguir milhares de tendências supostamente pecaminosas em questões gerais da vida dos demais homens, e segue sua missão de disseminar a mentalidade fanática em todas as mentes que puder trazer para seu universo particular de ideias e práticas religiosas (cf. Mt 23:15).

Poucas pessoas que seguem nessa direção espiritual conseguem perceber a armadilha em que se encontram. Na tentativa de serem realmente

justas ou de pelo menos de parecerem justas a si mesmas ou às demais pessoas ao seu redor, tais cristãos se concentram em infinitas questões periféricas, e à medida em que possam acumular “vitórias” em tais questões, aparentemente isso diminui a necessidade delas em lidar com as questões mais viscerais da lei de Deus (cf. Mt 23:23). Há muita fidelidade em torno de usos e costumes, por exemplo, e bem menos fidelidade em termos da fé, da misericórdia e do amor, pelo menos nas dimensões mais profundas de tais conceitos essenciais.

Vencer a “tentação” de comer um pudim de leite condensado ou um churrasco, ou de assistir um jogo de futebol ou novela, pode dar ao fanático a ilusão de estar entrando numa dimensão tão íntima em sua relação com Deus que a ausência das qualidades mais essenciais cristãs em medida satisfatória, que dirá perfeita, parece não ser capaz de abalar a experiência mágica.

Cada vitória naquilo que é periférico indica que o fanático está na direção certa, e aquelas derrotas em manifestar “pouco amor”, por exemplo, são relativizadas e esvaziadas de maior importância, de maneira que a consciência permaneça tão iludida quanto cauterizada.

Se a medida do sucesso espiritual entre os fanáticos fosse a fé perfeita, a misericórdia perfeita e o amor perfeito, eles estariam chorando e lamentando suas incoerências e questionando o motivo de suas dificuldades em “fazer o bem” que eles tanto querem fazer (Rm 7:19). Também reconheceriam que fazem o mal que não gostariam de fazer e encontrariam a lei de que o mal habita neles, de tal maneira que toda sua cosmovisão perfeccionista ruiria em instantes (v. 21).

É por isso que a medida do sucesso espiritual nessa teologia precisa se transformar em uma enorme lista de pecados que eles não cometem, como: ouvir rock, comer carne, beber suco de laranja com açúcar, ou milhares de regras no mesmo espírito. Que a Bíblia não fale nada sobre rock, vegetarianismo obrigatório ou açúcar é um mero detalhe de somenos importância, e, assim, vencendo tais e tais coisas, o fanático está no verdadeiro caminho da “salvação pelas obras mediante a santificação através de leis divinas inexistentes na Bíblia”.

A mornidão que acompanha esse quadro torna o perfeccionista capaz de argumentar inteligentemente sobre a necessidade da santificação e a plausibilidade da aplicação de princípio bíblicos que tornem inúmeras coisas em pecado, ainda que a lei de Deus nada fale sobre elas especificamente. Mas sua inteligência termina no momento que se torna necessário admitir que toda essa teoria não funciona na prática em termos de seu objetivo final, a perfeição efetiva que torne seu possuir isento de qualquer pecado em todo sentido do termo.

Ninguém jamais se tornou absolutamente perfeito em fé, misericórdia, amor, santidade e espiritualidade de uma forma geral por tais meios, mas muitas pessoas já se tornaram extremamente perversas com as demais em função de diferenças de opinião em relação a questões desse tipo dentro do corpo de Cristo.

A fuga do perfeccionista fanático é sempre apontar para um possível sucesso futuro diante dos repetidos fracassos do passado e do presente, jamais questionando sua adesão a uma doutrina nunca experimentada ou vivida na realidade.

Quando cremos teoricamente em algo que não vivemos na prática cria-se uma contradição entre fé e obras. E quando isso é acompanhado de uma incapacidade ou indisposição de se ver a falha fundamental de tal visão doutrinária à luz da revelação bíblica, então estamos diante de um grave quadro de mornidão, a despeito da retórica de que se está somente em busca da vitória absoluta contra o pecado até o ponto da perfeição.

A nobreza do objetivo não desfaz o fracasso prático e nem lida eficazmente com a implicação herética de que no momento em que o “perfeccionismo” se materializasse em pessoas sem pecado, a doutrina bíblica estaria em absoluta contradição com a realidade (cf. Ec 7:20; 1Jo 1:8-10).

No próximo capítulo, por sua vez, lidaremos com algumas questões ilustrativas que são comumente rotuladas de posturas “mornas” da parte de cristãos que defendam algumas bandeiras específicas, mas cujas conclusões não são necessariamente verdadeiras.



## IV

---

O QUE PARECE SER  
MORNIDÃO, MAS  
FREQUENTEMENTE  
NÃO É

O conceito de mornidão tem um espectro bastante amplo, mas também existem alguns cristãos capazes de apontar a presença desse problema espiritual específico, mas cuja caracterização não é exata e inquestionável, muito pelo contrário.

Em outras palavras, posturas normais e até recomendáveis em determinados contextos têm sido acusadas como mornas, na tentativa de fazer a igreja se inclinar em certas direções em relação à teologia e à vida como um todo. Vamos identificar brevemente algumas dessas principais discussões.

## RACIONALIDADE CIENTÍFICA

Há uma polêmica atualmente bem estabelecida, especialmente desde o Iluminismo, sobre a relação entre a fé e a ciência. O fenômeno não é absolutamente novo, sendo já ecoado no próprio Novo Testamento (cf. 1Tm 6:20-21), mas a manifestação atual dessa celeuma a torna central em inúmeras áreas e esferas da vida no século 21 e se desdobra em infinitas discussões particulares.

Existem cientistas que pressupõem e proclamam uma radical separação e superação da mentalidade religiosa por causa dos avanços da ciência, e, em contrapartida, existem cristãos que respondem a esse estado de coisas fechando-se para as disciplinas e práticas científicas. É como se elas representassem interesses perigosos e que deveriam ser evitadas em função da possibilidade de alguém apostar da fé em razão

do contato com paradigmas e compreensões científicas de questões gerais relacionadas desde a temas como a origem da vida e a evolução até a descrição e funcionamento do universo em geral, entre outros.

Os cristãos interessados no método científico e em sua filosofia seriam “mornos”, oscilando entre dois senhores e vacilando em direção às trevas do erro e do mal. Essa é uma descrição nada lisonjeira de tais pessoas, convenhamos.

É bem verdade que alguns crentes podem ter convicções de fé abaladas ao entrar em contato com uma forma diferente de entender o mundo sob uma ótica cientificamente informada aliada a uma cosmovisão naturalista ou ateuista. Inclusive quadros de mornidão podem, sim, ser desencadeados em função de confrontos e questionamentos que surjam nesse tipo de contexto na mente de algumas pessoas.

O problema nesse caso, entretanto, não é causado pelo mero interesse científico ou contato com a ciência, mas, dentre outras coisas, com a ausência prévia de uma percepção de que há outras formas de se encarar a realidade do mundo. Quando uma perspectiva “científica” aparece diante de pessoas que antes não a tinham considerado, ela pode oferecer força atrativa e sedutora que, inclusive, termine revelando que as convicções religiosas que agora serão questionadas e rejeitadas não eram tão sólidas na experiência particular dessa pessoa.

Costuma-se dizer que Sigmund Freud foi acusado de desviar muitas pessoas da fé por causa de sua “ciência psicológica”, ao que ele respondia que se qualquer coisa que ele pudesse dizer tinha a capacidade de tirar a fé de uma pessoa, essa pessoa já carecia de tal fé desde antes.

Nenhuma ciência tem capacidade de tirar de alguém aquilo que lhe pertence em termos de convicção e fé, mas se uma ciência pode fazer uma pessoa “mudar” sua forma de ver o mundo, a conclusão é que a fé inicial da pessoa era, no mínimo, irrefletida e pouco profunda, susceptível de ser abalada ou destruída com relativa facilidade. Em suma, uma apostasia após o contato com uma visão de mundo mais científica demonstra mais algo sobre a natureza frágil das convicções da pessoa em questão do que do poder corruptor da ciência em si mesma.

Acima de tudo, porém, acontece nessa discussão que não há contradição absoluta entre ciência e religião. Diante disso, é completamente normal que o método científico e tudo que orbita em torno dele, como a filosofia da ciência e as inúmeras áreas de aplicação do(s) método(s) empírico(s) de levantamento e análise de dados em geral, seja campo naturalíssimo de interesse da parte, inclusive, de cristãos comprometidos com a Palavra de Deus.

A história da ciência moderna testemunha de cristãos firmemente crentes na Bíblia, mas que estiveram entre os grandes primeiros cientistas de suas áreas de pesquisa, como Isaac Newton, para citar somente um dos mais proeminentes dentre centenas ou milhares de exemplos.

A crença de que Deus criou o universo, imprimindo nele ordem e sentido capazes de serem descobertos e explorados, moldou interesses e objetivos científicos sérios, ainda que a convivência com cosmovisões concorrentes fosse inevitável, o que também acontece no próprio âmbito da teologia. Tudo, ou quase tudo, pode ser abordado e entendido a partir de paradigmas diferentes. E se a ciência possibilita maior nível

de certeza em relação a alguns de seus postulados e pontos de interesse, não se nega que nela também há áreas abertas à divergência na obtenção e interpretação de dados e na formulação de explicações, teorias, métodos e princípios gerais.

Se existem cosmovisões concorrentes e enganos ao redor dessas questões, a única coisa que deve ser feita é identificar tais e tais ideias através de uma abordagem clara, honesta e embasada que dê conta de explicar por que a cosmovisão bíblica ou as verdades cristãs são alternativas superiores em relação a tais leituras da realidade.

É absolutamente possível que uma pessoa se mantenha tão verdadeiramente cristã quanto qualquer outra mesmo mantendo seus interesses ou área de atuação no ramo das ciências de forma geral. Não há nenhuma ligação clara ou necessária de que a investigação e atuação científica conspire para uma maior incidência da “mornidão” entre os cristãos, em comparação com irmãos de fé que estudem ou trabalhem em outras áreas. Que fique claro que conhecimento científico não é algo capaz de gerar a mornidão por si mesmo.

Às vezes, o contrário é que é verdade. Conhecimento profundo de questões científicas e atuação acadêmica ou profissional nas áreas correlatas podem ajudar cristãos a desenvolverem ou avivarem sua capacidade de se maravilhar diante do universo e, conseqüentemente, diante do Criador do universo.

Uma atuação numa área instigante, exigente, mais ou menos “exata” e norteada por princípios científicos pode ajudar os cristãos envolvidos com isso a desenvolverem diversas habilidades. Isso envolveria, por

exemplo, capacitar-lhes a desenvolver, dentre outras coisas, inclusive, métodos de estudo da Bíblia e da história que podem ser bastante úteis para ajudarem outras pessoas de mentalidade mais “científica” a se aproximarem da Palavra de Deus.

Inclusive isso já existe no próprio campo do estudo bíblico. A teologia também é considerada uma “ciência”. Aliás, não seria a dedicação ao estudo acadêmico da teologia também uma forma de mornidão?

## ACADEMICISMO TEOLÓGICO

A fé cristã conquistou a atenção e a reflexão de todo tipo de pessoa, desde aquelas com pouco ou nenhum estudo formal até os super qualificados doutores, pós-doutores e livre-docentes em suas respectivas áreas de atuação. O fato é que o mundo da teologia é bastante amplo e profundo, exigindo do estudante que deseja simplesmente se aprofundar muitos anos de dedicação e empenho. O alerta, porém, é que ao final da jornada tal estudante deve forçosamente concluir que ainda conhece muito pouco sobre o cristianismo dentre o universo de coisas que existem para serem conhecidas.

A amplitude dessa área do conhecimento já seria um desafio gigantesco por si mesma, mas nesse contexto surgem outros desafios atrelados a essa característica.

Por um lado, a teologia contém farto material para que os teólogos busquem aprender a lidar da melhor forma possível com as inúmeras for-

mas de se entender e se explicar os dados bíblicos e históricos. Por outro, há um amplo interesse nessas mesmas questões da parte de pessoas em posições menos vantajosas do ponto de vista da educação formal.

O que pretendo dizer é que comunidades e igrejas em geral são centros de interesse teológico vivo, mas esse interesse é alimentado frequentemente com uma visão bastante parcial dentre todo o espectro teológico mais amplo. Dessa forma, criam-se algumas situações que nos ajudarão a entender a sensação de mornidão que algumas pessoas têm em relação à teologia e aos teólogos acadêmicos.

O primeiro problema que surge diante dos desafios intelectuais e acadêmicos propostos e enfrentados na teologia cristã é que poucas pessoas estão dispostas a encarar a jornada de estudos necessários para se situar diante de tais questões com relativa propriedade. Uma segunda fonte de dificuldades em determinados contextos é que a academia é, por natureza, um ambiente relativamente tolerante e de livre expressão e troca de ideias diferentes, ao contrário de muitas comunidades religiosas.

O ambiente social está, assim, pronto para que algumas daquelas pessoas indispostas a encarar os desafios intelectuais da fé cristã mais a sério e de forma mais profunda acusem os teólogos de mornidão, especialmente quando eles começam a demonstrar respeito por visões diferentes em alguma espécie de tolerância.

A ideia subjacente a esse quadro aqui bastante simplificado é que a teologia conduz seus adeptos a serem menos firmes em termos de convicção e fé e mais tolerantes com erros, heresias e visões teológicas estranhas àqueles que não estão dispostos ao diálogo acadêmico.

Em muitas comunidades cristã, a pouca “teologia” que existe serve unicamente para formar e reforçar dogmas específicos, geralmente tradicionais, e nunca para questionar aquilo que se entende ou crê, nem que seja para amadurecer o entendimento das pessoas na direção de uma fé mais embasada e capaz de lidar com desafios externos.

Com isso, o teólogo acadêmico acaba sendo visto como uma ameaça e um perigo para a comunidade, pelo menos por alguns de seus membros. Ao estar acostumado ao mundo da pluralidade de perspectivas e ideias em sentido amplo, e sendo capaz de trabalhar paradigmas diferentes, ele pode “contaminar” pessoas com algumas dúvidas e questões que não existiriam se as comunidades vivessem isoladas em si mesmas, sem qualquer contato com qualquer compreensão da teologia que seja externa àquela que já é tradicionalmente aceita naquele ambiente.

O medo de algumas pessoas em relação à teologia e as razões oferecidas para tal medo ignoram a própria natureza inquiridora dos seres humanos. Uma teologia acadêmica pode ser usada para plantar dúvidas, sim, mas em geral o caminho é oposto, desde que se respeite alguns limites simples.

Um teólogo pertencente a uma certa tradição religiosa pode e deve “passear” pelo entendimento de outras tradições, desde que ao final ele seja capaz de explicar e ensinar à sua comunidade de fé as razões para se manter fiel ao entendimento do grupo à luz de entendimentos alternativos e conflitantes. É só quando um teólogo abandona um entendimento tradicional na comunidade que pode haver um real conflito mais problemático.

Entretanto, acredito que o mais comum é que quando um estudioso tem suas convicções transformadas por seus estudos de forma radical, a ponto de romper com sua própria tradição religiosa, ele muito provavelmente não deseja mais nenhuma comunhão com aquilo a que ele superou através de uma nova forma de ver as coisas. Assim, a tendência, a meu ver, é que ele se afaste por vontade própria da posição de ensinar, ainda que tenha o direito de ser claro em sua nova forma de ver as coisas e seja capaz de explicar seus motivos a quem quiser ouvi-lo.

Em algum caso, em outra direção, se supõe que a comunidade em questão deve ter os meios teológicos e administrativos internos suficientes para lidar de forma amorosa, mas firme, com a situação.

O conhecimento acadêmico na área da teologia frequentemente é responsável por muito mais frutos positivos do que negativos na vida das comunidades cristãs. Através dele, servos e servas de Deus amadurecem, se tornam capazes de dar razão de sua fé de forma mais proficiente, são apresentados a novas formas de ver as coisas e precisam aprender a desenvolver tolerância e amor no diálogo com o diferente, mesmo com o ignorante e/ou herege.

A teologia como área acadêmica do conhecimento não é exercida por anjos sem pecado, mas por seres humanos falhos, mas a bússola da Palavra de Deus seriamente estudada contrabalança a fraqueza inerente à raça caída com uma revelação capaz de iluminar aqueles que nela buscam luz. Competência acadêmica, aliada à amplitude de pensamento e certa tolerância na avaliação e no trato com o diferente, não é necessariamente “mornidão”, mas, quem sabe, mera educação.

Essa educação deve ser ampliada e exercida não só no mundo do pensamento teológico em si, mas também diante de inúmeras questões culturais. Mas, aliás, cristão que fala em “cultura”, especialmente em “respeito à cultura”, só pode ser morno, né?

## **SENSIBILIDADE CULTURAL**

A Palavra de Deus exorta a que os seguidores de Cristo “não amem o mundo nem as coisas que no mundo há” (1Jo 2:15). Essa e outras verdades bíblicas foram e são usadas para colocar o cristão em quase absoluto antagonismo com aquilo que é chamado popularmente de “cultura”.

O conceito de cultura pode ser bastante estrito ou elástico, há amplo debate sobre isso, mas em termos práticos, o termo se refere ao conjunto de crenças e práticas que prevalecem numa comunidade. Naturalmente, nesse paradigma, os ambientes urbanos e globalizados contêm dezenas ou centenas de culturas em si mesmas, e o convívio entre elas é inevitável.

Os ajuntamentos humanos seguem padrões sociais, religiosos, filosóficos e econômicos que permitem a cooperação em larga escala com vistas à prosperidade de todos, pelo menos no ideal. Ninguém vive em isolamento absoluto, e todos os seres humanos são interdependentes para que tudo na sociedade funcione de forma mínima, pelo menos.

Ocorre que o tecido cultural de cada família e grupo dentro da sociedade pode ser sensível e traz elementos particulares que perturbam o cristianismo de muita gente. A situação termina revelando problemáticas em torno de questões aparentemente simples, mas que podem se manifestar em tensões bastante graves.

Alimentação, vestuário, música, comércio, diversão, fé, casamento, política e tantas outras coisas são compreendidas e ordenadas diferentemente por pessoas/grupos diferentes e surgem como fatores desestabilizadores da ordem em função do embate entre percepções e práticas diferentes.

No meio cristão, as discussões sobre esses temas são bastante pautadas pela questão da “aculturação” do evangelho a ser pregado às pessoas de outras culturas, sejam elas distantes, como no caso dos índios na floresta amazônica, ou próximos, como no caso de um bairro chinês numa grande metrópole.

Muitos missiólogos trabalham extensivamente abordagens teóricas ou práticas em relação ao tipo de desafio que essa realidade impõe sobre a igreja. Eles frequentemente tendem a ensinar o respeito e a tolerância pela cultura como ponto de partida para qualquer missão eficaz em favor das pessoas.

Do outro lado do espectro, estão aqueles cristãos que se opõem ao que consideram como visão “liberal” por detrás dessa missiologia da contextualização, como se ela representasse o fracasso em ser verdadeiramente cristã.

Essa discussão pode tomar proporções homéricas, mas para nossas modestas pretensões basta identificar a acusação de “mornidão” lançada

sobre o primeiro grupo da parte do segundo. A missão deve antagonizar a cultura e jamais tolerar nada que não seja cristão. Seria lindo se não fosse trágico.

Pergunte aos acusadores o que é a “música cristã”, “alimentação cristã”, a “diversão cristã” ou mesmo a “visão cristã de mundo” e a confusão estará instaurada para nunca mais deixar de existir.

Ainda que seja possível buscar responder a todas essas (e inúmeras outras) questões de forma tão acurada quanto possível de uma perspectiva específica, é impossível fazer com que todas as pessoas de todas as culturas venham a concordar entre si sobre elas. Mesmo os cristãos de diferentes culturas divergem entre si sobre tudo isso, e quando os não cristãos são adicionados a essa conta, o resultado é uma complexidade ainda maior e bastante desafiadora.

Os adeptos do discurso mais agressivo contra a cultura geralmente exploram práticas culturais deploráveis entre certas comunidades em torno de abusos, violência, imoralidades e morte, dentre outros problemas, bem como exploram as crenças antibíblicas em geral da parte de várias culturas como desculpa para sua retórica mais geral.

Inclusive, em breve essa retórica poderá igualar tais e tais questões com graves acusações contra a participação de cristãos em “aniversário”, “festa junina” ou “Natal”, por exemplo, para o desespero do bom senso básico. Imagine o que essas pessoas não falam sobre “shows”, “festas”, “filmes e séries”, “músicas” e tantas outras coisas. Quem discorda da ala supostamente contracultural é “morno” e não está comprometido com o escândalo da cruz, é o resumo da ópera.

Ocorre que ainda que se possa definir e defender uma separação, inclusive radical, entre o cristão e o “mundo”, não se deve ignorar que estamos no mundo e nele devemos viver como sal e luz. Práticas culturais específicas podem ser condenadas naquilo em que conflitem claramente com a Palavra de Deus, mas esse não é o caso em inúmeras questões, e nessas questões, o respeito, a tolerância, a paciência e o amor devem, sim, prevalecer. E isso não é a pregação da “mornidão”, mas do próprio cristianismo, especialmente no contexto da regra áurea (cf. Mt 7:12) e da argumentação de Paulo em Romanos 14.

Todo cristão existe em uma cultura (não há outra modalidade de existência) e deve usar sua influência para tentar mudar o que precisa ser mudado nela, de todas as formas lícitas que for capaz, inclusive abraçando ideologias coerentes/não antagônicas com a fé e militando social e politicamente por elas.

O quê? Militância política e social? Isso é pura mornidão! Não?

## **ATIVISMO POLÍTICO E SOCIAL**

Estou escrevendo estas palavras em meio à pandemia da Covid-19, em 2020. O clima político no país está extremamente tenso, especialmente à luz da reação de parlamentares e juízes do Supremo Tribunal Federal brasileiro contra a operação Lava Jato, contando, no mínimo, com conivência do atual presidente, Jair Bolsonaro, aquele que praticou o maior estelionato eleitoral da história do Brasil desde a redemocratização.

Em função de todo o embate em torno de tais e tais questões, o brasileiro tem discutido como nunca a respeito de orientações e partidos políticos. Há um clima de acusação e suspeita generalizada em função disso tudo, e a percepção de muitos cristãos é que essa guerra representa somente um desvio de foco da missão da igreja.

O resultado dessa percepção é que a alienação em relação à política se torna quase que uma “norma cristã” de conduta. O máximo envolvimento possível é se submeter ao governo e orar pelos governantes (cf. Rm 13:1-2; 1Tm 2:1-2). Qualquer envolvimento com a política é imediatamente sentenciado como “mornidão”.

A discussão de questões políticas em contextos religiosos cristãos é celeuma de longa data, remontando à igreja primitiva e aos primeiros cristãos, que viveram sob o Império Romano, acompanhando posteriormente toda a história da igreja.

O interesse na esfera pública do poder, ou mesmo na natureza política essencial de todas as relações humanas, porém, não é pecaminoso ou objetável por si mesmo. O cristão é um ser humano, racional, relacional, político (por natureza) e vive em contexto social, podendo (se não devendo) se envolver com as questões comunitárias de forma absolutamente natural.

Meu propósito aqui não é discutir a harmonia ou desarmonia da fé cristã com espectros políticos de esquerda, centro, direita ou libertário/anarquista. Cada qual deve ter sua consciência livre para investigar tais relações e agir em harmonia com suas conclusões particulares. Minha intenção também é deixar claro que, ao meu ver, a esfera eclesiástica

deve, no ideal, ser mantida absolutamente afastada das questões ideológicas/partidárias, em função da mensagem universal da igreja para todas as pessoas. A igreja não é extensão ou militância de nenhum partido político.

Ainda assim, o envolvimento político dos cristãos individuais não é sinônimo de infidelidade ou mornidão, mas de interesse legítimo e mesmo potencialmente nobre. A mensagem da igreja sobre a verdade, o amor, a fé, o perdão e a paz conduz ao questionamento de estruturas sociais e políticas que devam ser questionadas e modificadas dentro do possível na direção de uma sociedade onde tais questões sejam mais efetivas ou mais abundantes.

Tal militância é legítima e pode, inclusive, ser combustível de edificação na fé, ainda que não seja demais alertar a todos de que a lealdade a qualquer ideologia (de qualquer espectro) jamais deve servir de superação ou relativização de nossa lealdade ao Reino de Deus, acima de qualquer projeto de poder humano, em absoluto.

O equilíbrio é um conceito chave nessa e em tantas outras questões. O quê? Equilíbrio?

## EQUILÍBRIO

A imagem do morno como estando a meio caminho entre o quente e o frio é usada por pessoas fanáticas religiosas o ensejo de condenar qualquer apologia de uma fé “equilibrada”. Um dos pilares dessa noção

é que a fé verdadeira deve ser radical em seu compromisso com Deus de forma a não abrir nenhuma brecha para qualquer outra atmosfera na relação pessoal com o Senhor. A conclusão é que não pode haver “equilíbrio” entre o bem e o mal; tais princípios antagonistas não podem ser mesclados a fim de fornecer uma postura “equilibrada” diante das decisões da vida. Deve haver, então, uma adesão cega à fé, custe o que custar, e qualquer retórica que clame por equilíbrio é apenas uma manifestação de justificar o pecado.

A primeira coisa que precisamos questionar quando nos deparamos com uma visão dessa natureza é o conceito de pecado. Frequentemente a retórica da adesão radical à fé, por mais correta que possa parecer em um primeiro momento, esconde ciladas da definição da própria fé.

Quando “pecado” ou “fé” não são mais definidos biblicamente, mas religiosamente dentro de uma cultura eclesial, ver televisão pode ser “pecado” e faltar a um culto em dia de semana à noite, a fim de perseguir uma melhor qualificação acadêmica ou profissional, pode ser “falta de fé”.

Quando conceitos extrabíblicos são introduzidos nas definições do que é certo ou do que é errado, há uma ampla confusão no meio da igreja. Não se respeita mais o paradigma revelado de que “onde não há lei, não há transgressão” (Rm 4:15), e “tudo e qualquer coisa” pode se tornar pecado e falta de fé.

O equilíbrio biblicamente recomendável (cf. Ec 7:16-17) não pode ser confundido com a tentativa de se criar uma linha de “harmonia entre Cristo e o Maligno” (2Co 6:15). O conceito do equilíbrio é análogo

ao do “bom senso” (cf. At 26:25; 1Tm 2:9, 15), e não há razão para que tal qualidade possa ser temida ou desencorajada.

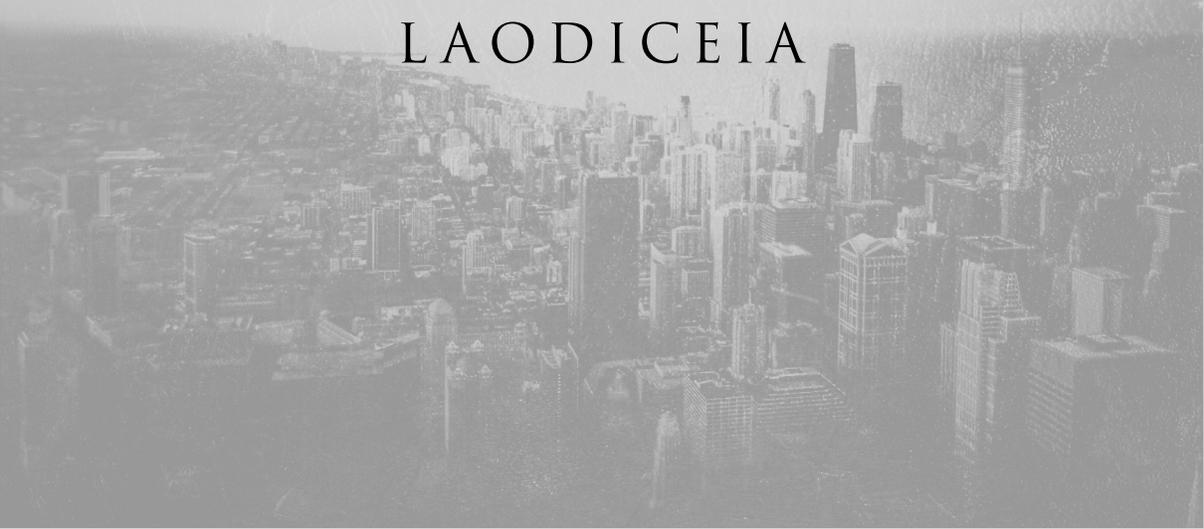
Juízos particulares sobre questões não claras na Revelação podem representar fontes de problemas em comunidades de fé, mas esse tipo e situação é que faz com que o equilíbrio seja exaltado como característica cristã genuína e necessária, o que nada tem que ver com a mornidão condenada por Jesus Cristo em Sua repreensão à igreja de Laodiceia.



# V

---

## O REMÉDIO PARA LAODICEIA



Chegamos ao final de nossa jornada de estudo bíblico em busca dos sentidos de um conceito que à primeira vista parece muito simples ou mesmo desinteressante para alguns. A ideia da mornidão, porém, como demonstrado em nossa discussão, esconde complexidades interessantes, profundas e instigantes, capazes de desmascarar tantos problemas e pecados em sua simplicidade, que ficamos maravilhados com a amplitude potencial da repreensão de Jesus Cristo para cada um de nós e para nossas igrejas.

Em grande medida, toda a discussão sobre o sentido do termo mornidão pode ser resumida no conceito de pecado, uma vez que são os pecados da igreja que estão sendo escancarados a fim conduzir o povo de Deus à compreensão de sua situação espiritual com vistas à cura de graves e perigosos problemas espirituais. Especialmente no ponto em que não estão sendo discernidos corretamente e seriamente pelas pessoas a quem se dirige.

A forte repreensão explícita no texto, porém, nasce do amor de Jesus Cristo por aqueles a quem Ele comprou com Seu próprio sangue (cf. Ap 3:19). Não há por trás dessa mensagem um espírito desejoso de massacrar a igreja com o quadro aterrador dos problemas espirituais que se manifestam em seu seio. Nem é a igreja deixada sozinha ou sem orientação específica sobre como encarar o problema e superá-lo, ainda que nada na profecia indica que esse processo seja fácil ou isento de lutas e dificuldades.

Em resumo, a igreja de Laodiceia deve levar muito a sério o que Jesus diz. Ele é o Amém, a testemunha fiel e verdadeira e o princípio da criação de Deus. O Senhor afirma explicitamente “conhecer” a situação tal qual ela é a partir da manifestação das obras da igreja morna, e elas não Lhe parecem positivas.

Jesus então evoca a imagem da mornidão e afirma estar a ponto de vomitar Laodiceia de Sua boca em função dela, o que demonstra a seriedade de uma situação limite onde a paciência do Deus longânimo parece estar muito perto de se esgotar (cf. Êx 34:6; 2Pe 3:9), como se Cristo estivesse cansado (cf. Jr 15:6).

O ponto primordial do problema é a absoluta disparidade entre a realidade e o julgamento de Laodiceia a respeito de si mesma. Ela se percebe rica, abastada e plenamente autossuficiente enquanto Jesus a percebe como infeliz, pobre, cega e nua.

Quando o texto parece não dar mais margem à esperança na situação, eis que Cristo gentilmente “aconselha” Laodiceia a tomar atitudes aparentemente simples, mas das quais depende seu destino eterno. Ele usa as metáforas de comprar ouro refinado pelo fogo para se enriquecer realmente, vestir roupas brancas para que não seja manifesta a sua nudez vergonhosa e ungir os olhos com o colírio que unicamente permite ver.

Naturalmente, se a análise do termo mornidão nos permitiu desenvolver um amplo quadro do problema, uma atitude análoga entre as metáforas usadas para indicar a solução do problema poderiam facilmente ser tratadas na mesma amplitude. Mas dados os limites de espaço e tempo, bem como as intenções por detrás deste livro, vamos nos contentar com a indicação das principais questões em torno das imagens.

Todas as metáforas negativas e positivas na profecia de Jesus Cristo à última igreja do Apocalipse fazem referência à Laodiceia histórica.

A cidade rica financeiramente, famosa por seus tecidos e por sua escola de medicina e seu colírio renomado, agora vê-se diante de um quadro onde não se deve deixar enganar pelas aparências.

## **OURO REFINADO PELO FOGO**

Na parábola do semeador, Jesus já havia alertado que a fascinação das riquezas e demais ambições, junto com as preocupações do mundo, sufoca a palavra, deixando-a infrutífera (Mc 4:19). Nada poderia ser pior para um cristão e uma igreja do que se verem diante do cumprimento dessa imagem em sua vida espiritual. Ser sufocado é, sem sombra de dúvida, experiência desesperadora e de morte, de forma que Jesus aponta para uma realidade muito forte e perigosa ao tratar do assunto.

Há muito que se poderia dizer a esse respeito, mas o foco é que Laodiceia provavelmente estava confusa sobre a natureza da verdadeira riqueza. Em sua má análise da realidade via na prosperidade mundana um sinal de uma riqueza na relação com Deus que simplesmente não existia.

Laodiceia estava perto de “ganhar o mundo, mas perder a alma” (cf. Mc 8:36-38). Jesus não poderia ficar indiferente à situação e expõe a pobreza de Laodiceia ao lado da solução: comprar dEle ouro refinado no fogo para enriquecer genuinamente.

Um amplo chamado à reavaliação do que seja a verdadeira riqueza indica que Jesus Cristo deseja que Laodiceia esteja disposta a reavaliar suas convicções à luz da Revelação. Não há outra forma de ser verda-

deiramente rico para com Deus, que certamente deseja nos conduzir ao amadurecimento da fé e do amor, em Cristo Jesus (Ef 4:13; Hb 5:11–6:3). A satisfação com o que já foi alcançado, especialmente quando isso representa “pouca coisa”, é perigosa, e quando a pobreza do que já foi atingido é entendida como “riqueza”, aí Jesus precisa intervir para dar a direção correta.

Um alerta muito interessante sobre esse tópico tem que ver com o contexto atual da igreja cristã, muitos séculos após o contexto imediato da existência da igreja de Laodiceia. Vivemos um momento da história do mundo em que temos riquezas e confortos jamais sonhados pelos antigos em inúmeras direções, ao mesmo tempo que temos problemas complexos em função de toda a exploração do meio ambiente para o sustento de nosso rico estilo de vida. Nem o rei Salomão, em toda a sua glória, jamais sonhou em andar de carro ou avião, ou de falar em um celular e acessar a internet, realidades normais mesmo entre pessoas consideradas pobres no século 21.

Além disso, a igreja cristã hoje tem posse de um tesouro gigantesco em termos de teologia que remonta a séculos de estudo da parte de cristãos comprometidos com a Palavra de Deus em diversas áreas do pensamento. Ainda assim, a igreja atual continua sendo assolada por heresias e má compreensões teológicas da Palavra de Deus em função de apego ao erro ou falta de aprofundamento na verdade, o que claramente reflete o problema da mornidão em ampla medida.

A imagem do tornar-se realmente rico através do ouro purificado no fogo, comprado da pessoa de Jesus, ressoa fortemente a ideia de

que a fé é “muito mais preciosa que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo” em 1 Pedro 1:7. O ponto principal da metáfora deve ser que Laodiceia precisava aprender a ponderar em que consiste a verdadeira riqueza e segurança e desistir de qualquer forma de apego a formas passageiras de riqueza e segurança, que podem decepcionar os que nelas confiam ao final da jornada (cf. Lc 12:20-21).

## VESTIDURAS BRANCAS

Jesus alertou contra a excessiva preocupação com “o que vestir”, ainda que tenha reconheça a necessidade e aponte a providência divina a respeito (Lc 12:22, 29-30), de forma que Seu conselho de que Laodiceia comprasse vestes brancas é claramente metafórica.

Na Bíblia, é dito que devemos nos revestir do próprio Cristo e nada dispor à carne relativamente às suas concupiscências (Rm 13:14). Isso indica que as vestiduras brancas referidas na profecia podem evocar toda a experiência de graça mediante a fé para a salvação (cf. Ef 2:8), na qual o homem se refaz no conhecimento do Senhor (cf. Cl 3:10).

O tema das vestiduras brancas é recorrente por todo o Apocalipse (Ap 3:4-5, 18; 7:9, 13-14; 19:14; 22:14), e sempre indica uma experiência de fé e fidelidade puras em meio às imagens de contaminação da parte dos infiéis (Ap 2:20; 13; 16; 17).

Sem desejar retomar a discussão sobre o perfeccionismo que prega fanatismo em nome de santificação, é importante alertar para a ideia de

que os salvos vestem branco, inclusive linho, que representa “os atos de justiça dos santos” (Ap 19:8), indica, sim, uma forte imagem de pureza, santidade e santificação.

Entretanto, é importante alertar de que toda e qualquer vitória do povo de Deus no Apocalipse só ocorre em função do derramamento do sangue do Cordeiro, que nos ama (Ap 12:11; cf. 1:5; 15:2-3), e não como fruto de adesão ao fanatismo perfeccionista, de qual matiz e denominação cristã seja. Além disso, o próprio profeta da Revelação é descrito pecando ao final do livro (cf. Ap 22:8-9), demonstrando na prática que os crentes, na mentalidade apocalíptica, não são seres absolutamente sem pecado, mas revestidos da justiça de Jesus (cf. 2Co 5:21) em contexto de graça (Ap 22:21).

## **COLÍRIO PARA UNGIR OS OLHOS**

A última imagem, sem prejuízo das anteriores, é provavelmente a mais importante e aponta para a premente necessidade de discernimento (cf. Ef 3:3-4), que é o foco do problema do autoengano da parte de Laodiceia.

O discernimento correto da verdade cristã e do que Deus espera de cada pessoa e de cada igreja em particular só pode ser realmente desfrutado em conexão com a obra do Espírito Santo. Unicamente essa obra pode guiar em toda a verdade (Jo 16:13), sempre conectada à pessoa de Jesus Cristo (Ap 14:6) e à Palavra/ lei de Deus (Ap 17:17; cf. Sl 119:142).

Dessa forma, o que realmente Laodiceia precisa é mais do Espírito Santo, mais de Jesus Cristo, mais da Palavra e da lei de Deus, e menos de si mesma, especialmente nas coisas em que ela se demonstra totalmente disposta a se iludir sobre sua condição espiritual e seu destino correspondente.

A solução, afinal, até que parece simples demais para a complexidade dos problemas identificados na imagem da mornidão. Mas, ao final das contas, tudo não passa de uma manifestação específica, ainda que bastante ampla, do princípio bíblico que ensina ousadamente: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). Aquilo que Jesus realmente precisa é que Laodiceia simplesmente não se apegue aos seus pecados.

Através da Sua repreensão à última igreja do Apocalipse, Jesus Cristo ao mesmo tempo ilumina e disciplina um povo a fim de o conduzir de uma situação desesperadora de infidelidade ao arrependimento, em função de um convite de puro e perfeito amor (Ap 3:19-20). Os resultados de uma resposta positiva da parte de Laodiceia virão na concretização do exato oposto do “ser vomitada” (Ap 3:16). O fim será uma experiência de partilhar do próprio trono de Jesus Cristo (Ap 3:21), onde Ele sentou-Se após Sua vitória sobre o mundo (Jo 16:33), o pecado (Rm 8:2) e a morte (At 2:24).

Vislumbrar essas verdades e nelas crer é a maior bênção que pode atingir uma pessoa ou uma igreja. E o privilégio de conhecer a si mesmo como objeto do amor e da graça de Deus, a despeito da imensidão do pecado, é o que nos dá força para encarar o mundo, o pecado e a morte ao lado de um Salvador onisciente e todo-poderoso que prometeu: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28:20).

A história de Laodiceia contada por si mesma é uma história de profunda ilusão e pecado, cujo resultado natural é ser vomitada da boca de Jesus e condenada no tribunal divino. Mas a história de Laodiceia contada por Cristo é de repreensão e disciplina, sim, mas sobretudo de graça com vistas à imerecida salvação eterna da igreja.

Acima de tudo, meu interesse em escrever este livro foi fruto do desejo em esclarecer as questões aqui debatidas a cada leitor. Dentro do possível e dos limites de minha habilidade teológica, espero que todos e cada um tenham experimentado, através deste texto, um encontro poderoso com o Senhor cujos frutos sejam na direção do esclarecimento teológico, do perdão e da salvação. Mesmo ao leitor que se sinta indigno e pecador e esteja vivendo um período de trevas. Este livro é um testemunho de que a graça de Deus é maior do que todo pecado e mal envolvidos na mornidão.

Ao final, me despeço com um alerta teológico oportuno: bênçãos e vitórias como as descritas neste capítulo só podem ser encontradas na pura e simples graça que vem ao pecador unicamente mediante uma verdadeira, ousada e inabalável fé em Jesus, o Messias.

# REFERÊNCIAS

---

## INTRODUÇÃO

1. OSBORNE, GRANDE R. **Revelation**. Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2002, p. 205.

## 1. UMA CARTA À ÚLTIMA IGREJA

1. Uma fórmula ou frase breve expressando louvor a Deus (FREEDMAN, DAVID N.; MYERS, Allen C.; BECK, Astrid B. **Eerdmans Dictionary of the Bible**. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. Ou uma conclusão engrandecendo a Deus sobre a qual todos concordam.
2. KISTEMAKER, Simon J.; HENDRIKSEN, William. **Exposition of the Book of Revelation**. New Testament Commentary, v. 20 (Grand Rapids: Baker, 1953-2001), p. 168.
3. MCGEE, J. Vernon. **Thru the Bible Commentary**. v. 5. Nashville: Thomas Nelson, 1997, p. 921.
4. YEATTS, John R. **Revelation**. Believers Church Bible Commentary. Scottdale: Herald Press, 2003, p. 77.

5. FOGLE, Lerry W. **Revelation Explained**. Plainfield: Logos International, 1981, p. 118.
6. MACARTHUR, John. **Revelation 1-11**. Chicago: Moody, 1999, p. 133.
7. CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM (Orgs.), **Nuevo comentario bíblico: siglo veintiuno** (Miami: Sociedades Bíblicas Unidas, 2000), Ap 3:14.
8. NICHOL, Francis D. (Ed.), **Seventh-day Adventist Bible Commentary: The Holy Bible With Exegetical and Expository Comment, Commentary Reference Series**. Washington, DC: Review and Herald, 1978, Ap 3:14.
9. “Esse termo [amém] é particularmente bem adaptado para nosso Senhor, que é a verdade – João 14:6, não apenas como um nome geral, mas especialmente em conexão com suas solenes afirmações aos laodicenses” (SPENCE-JONES, H. D. M. **Revelation**. The Pulpit Commentary. Bellingham: Logos Research Systems, 2004, p. 115).
10. JAMIESON, Robert Jamieson.; FAUSSET, A. R.; BROWN, David. **A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments**. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997, Ap 3:14.
11. KISTEMAKER, Simon J.; HENDRIKSEN, William. **Exposition of the Book of Revelation**. New Testament Commentary, v. 20 (Grand Rapids: Baker, 1953-2001), p. 168.

12. YEATTS, John R. **Revelation**. Believers Church Bible Commentary. Scottdale: Herald Press, 2003, p. 77.
13. MUELLER, Ekkehardt. “**O primogênito de toda a criação**”. Disponível em: <<https://bit.ly/2XFPe68>>. Acesso em: 30/07/2020.
14. DAVIS, Christopher A. **Revelation**. The College Press NIV Commentary. Joplin: College Press, 2000, p. 134.
15. STEFANOVIC Ranko. **Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation**. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002, p. 90.
16. Ibid.
17. A proximidade entre Colossos e Laodiceia é testificada na Bíblia no fato de que esta última é mencionada quatro vezes na carta de Paulo aos Colossenses (cf. Cl 2:1; 4:13, 15, 16).
18. “O número sete indica também que as sete igrejas foram escolhidas como representantes de todas as igrejas” (BARTON, John; MUDDIMAN, John. **Oxford Bible Commentary**. Nova York: Oxford University Press, 2001, Ap 1:11).
19. NICHOL, Francis D. (Ed.), **Seventh-day Adventist Bible Commentary: The Holy Bible With Exegetical and Expository**

- 
- Comment, Commentary Reference Series. Washington, DC: Review and Herald, 1978, Ap 1:12.
20. PAULIEN, Jon. **The Book of Revelation**. Bible Explorer Series. Harrisburg: Ambassador Group, 1996, audiocassete, v. 2, 3.
21. STEFANOVIC Ranko. **Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation**. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002, p. 90.
22. William G. Johnsson, “Apocalíptica bíblica”, em **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**, ed. Raul Dederen. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 884.
23. STEFANOVIC Ranko. **Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation**. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002, p. 62.
24. Alguns destes livros e artigos são:
- BARCLAY, William. **Letters to the Seven Churches**. Nova York: Abingdon, 1957;
- HEMER, Colin J. **The Letters to the Seven Churches of Asia in Their Local Setting**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, v. 11 (Sheffield: JSOT Press, 1986);

RAMSAY, W. M. **The Letters to the Seven Churches**. Peabody: Hendrickson, 1994;

WORTH JR, Roland H. **The Seven Cities of the Apocalypse and Greco-Roman Culture**. Mahwah: Paulist, 1999.

25. ANDERSON, Roy A. **Revelações do Apocalipse**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988, p. 52-53.

26. ROEHRS, Walter H.; FRANZMANN, Martin H. **Concordia Self-Study Comentary**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1998, p. 292.

27. CÍCERO. **Carta a seus amigos** 3.5.4; e **Carta a Ático** 5.15.2.

28. ESTRABÃO. **Geografia** 12.8.16.

29. *Ibid.*, 20.

30. GALEN. **Higiene** 6.12; E HORÁCIO. **Sátira** 1.30.

31. HEMER, Colin J. **The Letters to the Seven Churches of Asia in Their Local Setting**. Grand Rapids: Eerdmans, 1989, p. 177. Veja também: “Há evidência de que Laodiceia só tinha acesso à uma água morna que não era muito palatável e causava náuseas” (Citado em: BEALE, G. K. **The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids, Eerdmans, 1999, p. 303).

32. PORTER, Stanley E. “Why the Laodiceans Received Lukewarm Water (Revelation 3:15-18)”. **Tyndale Bulletin**, v. 38 (1987), p. 143-149.
33. OSBORNE, Grant R. **Revelation**. Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2002, p. 205.
34. SMITH, Jerome H. **The New Treasury of Scripture Knowledge: The Most Complete Listing of Cross References Available Anywhere – Every Verse, Every Theme, Every Important Word** (Nashville: Thomas Nelson, 1992), p. 1510.

## 2. CONCEITOS PARALELOS, COMPLEMENTARES E SINÔNIMOS DE MORNIDÃO

1. Todos os conceitos teológicos paralelos ou antitéticos ao conceito de mornidão ao longo deste e dos demais capítulos foram retirados das obras listadas a seguir. Já insiro o alerta ao leitor que vá pesquisas as fontes de que essa pesquisa foi realizada há muitos anos e talvez algumas referências estejam imprecisas em alguns detalhes.

BASS, Ralph E. **Back to the Future: A Study in the Book of Revelation**. Greenville: Living Hope Press, 2004, p. 145;

BEALE, G. K. Beale. **The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text** (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 303;

BOLES, Kenneth L. **Galatians & Ephesians**. The College Press NIV Commentary. Joplin: College Press, 1993, Ef 3:10;

CLARKE, Adam. **Clarke's Commentary**: Acts. Albany: Ages Software, 1999, At 18:17;

COTTREL, Jack. **Romans**. College Press NIV Commentary. Joplin: College Press, 1996, Rm 13:11;

DEMAREST, Bruce A. **The Cross and Salvation**: The Doctrine of Salvation. Wheaton: Crossway, 1997, p. 462;

FLEMING, Donald C. **Concise Bible Commentary**. Chattanooga: AMG Publishers, 1994, p. 594;

JAMIESON, Robert.; FAUSSET, A. R.; BROWN, David. **A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments**. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997, Ap 3:15;

KNAP, J. J. **The Loins Girded**. Ontário: Martien C. Vanderspek, 1997;

LANG, J. Stephen. **1,001 Things You Always Wanted to Know About the Holy Spirit**. Nashville: Thomas Nelson, 1999, p. 372;

LEVY, David M. **Israel My Glory**. Bellmawr: The Friends of Israel Gospel Ministry, 1999;

LUTHER, Martin. **Luther's Works**, v. 10: First Lectures on the Psalms I: Psalms 1-75. Saint Louis: Concordia, 1999, p. 314, 352, 391;

NICHOL, Francis D. (Ed.). **Seventh-day Adventist Bible Commentary: The Holy Bible With Exegetical and Expository Comment**, Commentary Reference Series. Washington, DC: Review and Herald, 1978, v. 7, p. 966;

OSBORNE, Grant R. **Revelation**. Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2002, p. 205;

PINK, Arthur W. **An exposition of Hebrews**. Swengel: Bible Truth Depot, 1954, p. 275;

PRINGENT, Pierre. **O Apocalipse**. São Paulo: Loyola, 1993, p. 84-94;

REID, Daniel G.; LINDER, Robert Dean.; SHELLEY, Bruce L.; STOUT, Harry S. (Eds.). **Dictionary of Christianity in America**. Downers Grove: InterVarsity, 1990;

ROEHRS, Walter H.; FRANZMANN, Martin H. **Concordia Self-Study Comentary**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1998, p. 292;

SIMEON, Charles. **Horae Homileticae**. v. 18: Philippians to 1 Timothy. Londres: Holdsworth and Ball 1832-1863, p. 76;

SPENCE-JONES, H. D. M. **Revelation**. The Pulpit Commentary. Bellingham: Logos Research Systems, 2004, p. 115;

SPURGEON, Charles. **Faith's Checkbook**. California: Ephesians Four Group, 2000, p. 2;

Stefanovic, Ranko. **Revelation of Jesus Christ**: Commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002, p. 142;

SWETE, Henry Barclay. **The Apocalypse of St. John**. Nova York: Macmillan, 1907, p. 59;

**The Westminster Larger Catechism**: With Scripture Proofs. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1996, pergunta 105;

UNDERWOOD, Jonathan.; NICKELSON, Ronald L. **King James Version Standard Lesson Commentary**: 2004-2005. Cincinnati: Standard Publishing, 2004, p. 361;

WALWOORD, John F.; ZUCK, Roy B. **The Bible Knowledge Commentary**: An Exposition of the Scriptures. Wheaton: Victor Books, 1983, v. 2, p. 940;

WATSON, Jeffrey A.; SWINDOLL, Charles R. **Biblical Counseling for Today**: A Handbook for Those Who Counsel from Scripture. Swindoll Leadership Library. Nashville: Word, 2000, p. 20;

WILKINSON, Bruce H. **Victory Over Temptation**. Eugene: Harvest House, 1999;

**Woman's Study Bible**. Nashville: Thomas Nelson, 1997, Ap 3:15.

# APÊNDICE

---

## TEXTOS BÍBLICOS CITADOS

### **Gênesis**

Gn 3; 3:7-13; 5:3; 17:1

### **Êxodo**

Êx 20:7, 16, 20; 34:6

### **Números**

Nm 25

### **Josué**

Js 18:3

### **1 Reis**

1Rs 11:1-10

### **1 Crônicas**

1Cr 16:36

### **2 Crônicas**

2Cr 1:10-12; 13:7; 24:5; 29:11

## **Neemias**

Ne 13:11

## **Salmos**

Sl 4:8; 32:4; 37:29; 50:16-17; 69:7; 106:48; 119:11, 142; 123:4

## **Provérbios**

Pv 4:24; 14:12; 16:25

## **Eclesiastes**

Ec 7:16-17, 20

## **Isaías**

Is 1:12, 15; 4:1; 5:20; 32:7; 47:8; 49:10; 55:11; 57:17; 64:7; 65:12; 65:26;  
66:4

## **Jeremias**

Jr 7:2-14; 9:3; 15:6; 44:10; 48:10

## **Ezequiel**

Ez 8:5-12; 16:49; 18:31-32; 33:31-32

## **Oseias**

Os 4:1; 7:4-10; 10:2; 11:12

## **Amós**

Am 5:21-24

## **Sofonias**

Sf 1:12

## **Malaquias**

Ml 2:1-2; 4:1

## **Mateus**

Mt 3:8; 4:6; 5:10, 13, 20, 48; 6:23; 7:12, 22-23, 29; 22:5, 34-40; 23:1-36;  
23:2-33; 24:12, 14; 25:14-30; 27:11-26, 41-42; 28:18-20

## **Marcos**

Mc 1:15; 4:19; 8:36-38; 15:1-15

## **Lucas**

Lc 12:20-21, 22, 29-30; 18:11; 19:41-44; 23:1-5, 13-25; 24:32

## **João**

Jo 1:1, 3, 18; 2:25; 3:10, 16; 4:14; 6:68; 7:17, 39; 8:11; 9:1-3, 3-34, 39-41;  
14:6; 16:13, 32; 17:15, 17; 18:33-19:16

## **Atos**

At 2:24; 3:15; 5:41; 8:26-38; 9:3-5, 18; 14:22; 22:3; 22:12-16; 26:19, 25

## **Romanos**

Rm 1:5, 25; 2:4; 3:20, 23, 27-28; 4:1-8, 15, 19-25; 5:12-14, 19-20; 7; 7:19,  
21; 8:2; 9:5; 12:11; 13:1-2; 13:10, 14; 14; 16:27

## **1 Coríntios**

1Co 3:1-3; 10:24; 11:17-22; 13; 14:8

**2 Coríntios**

2Co 1:20; 5:14-15, 21; 6:15; 7:1; 10:2

**Gálatas**

Gl 1:14; 2:16; 2:20; 3:6-14, 23-29; 5:6, 13, 19-21; 6:18

**Efésios**

Ef 2:8, 10, 12; 3:3-4; 4:11-14, 22

**Filipenses**

Fp 2:3-4; 3:3

**Colossenses**

Cl 1:2, 15-19; 2:9; 2:20-23; 3:10; 4:13; 4:16

**1 Tessalonicenses**

1Ts 5:3, 24

**1 Timóteo**

1Tm 2:1-2; 2:9, 15; 4:14; 6:20-21

**2 Timóteo**

2Tm 3:5, 12

**Tito**

1:13

**Hebreus**

Hb 1:1-3; 4:6-7, 15; 5:11-6:3; 6:4-8; 10:22, 26-31, 11:6; 13:12-13

## **Tiago**

Tg 1:6, 21, 25; 2:16-24; 3:2; 4:17

## **1 Pedro**

1Pe 1:7

## **2 Pedro**

2Pe 1:16; 3:9

## **1 João**

1Jo 1:8-10; 2:15; 3:4, 6, 9, 18, 20; 4:8

## **Judas**

Jd 20-23

## **Apocalipse**

Ap 1:1, 3-5, 7, 11-20; 2:1-2, 7-13, 18-20, 29; 2-3; 3:1, 4-6, 8, 13, 14-22;  
5:14; 6:1-17; 7:9, 12-14; 8:1-9, 21; 11:15-19; 12:11; 13; 13:1-8; 14:6-12;  
15:2-3; 16; 16:15; 17; 17:1-18; 19:8, 13-14; 21:5, 8; 22:6, 8-9, 22:14, 21

A ÚLTIMA IGREJA DO  
**APOCALIPSE**

A REPREENSÃO DE JESUS CRISTO  
À MORNIDÃO DE LAODICEIA

A carta de Jesus Cristo à igreja de Laodiceia, registrada no livro de Apocalipse, contém uma repreensão intrigante. O Senhor aponta a mornidão dessa igreja como algo que lhe causa náuseas e quase lhe faz vomitá-la de sua boca.

Em **A Última Igreja do Apocalipse: A Repreensão de Jesus Cristo à Igreja de Laodiceia**, o leitor encontrará uma análise ampla a respeito do sentido e das implicações daquilo que o Senhor disse sobre essa igreja e que pode representar aquilo que eu e você precisamos ouvir hoje, no século 21.

Este livro tem como objetivo conduzir o estudante da Palavra de Deus a encarar alguns aspectos da revelação que contém repreensões fortes, porém necessárias, para que a relação entre o Senhor e a igreja caminhe na direção da vontade de Deus.